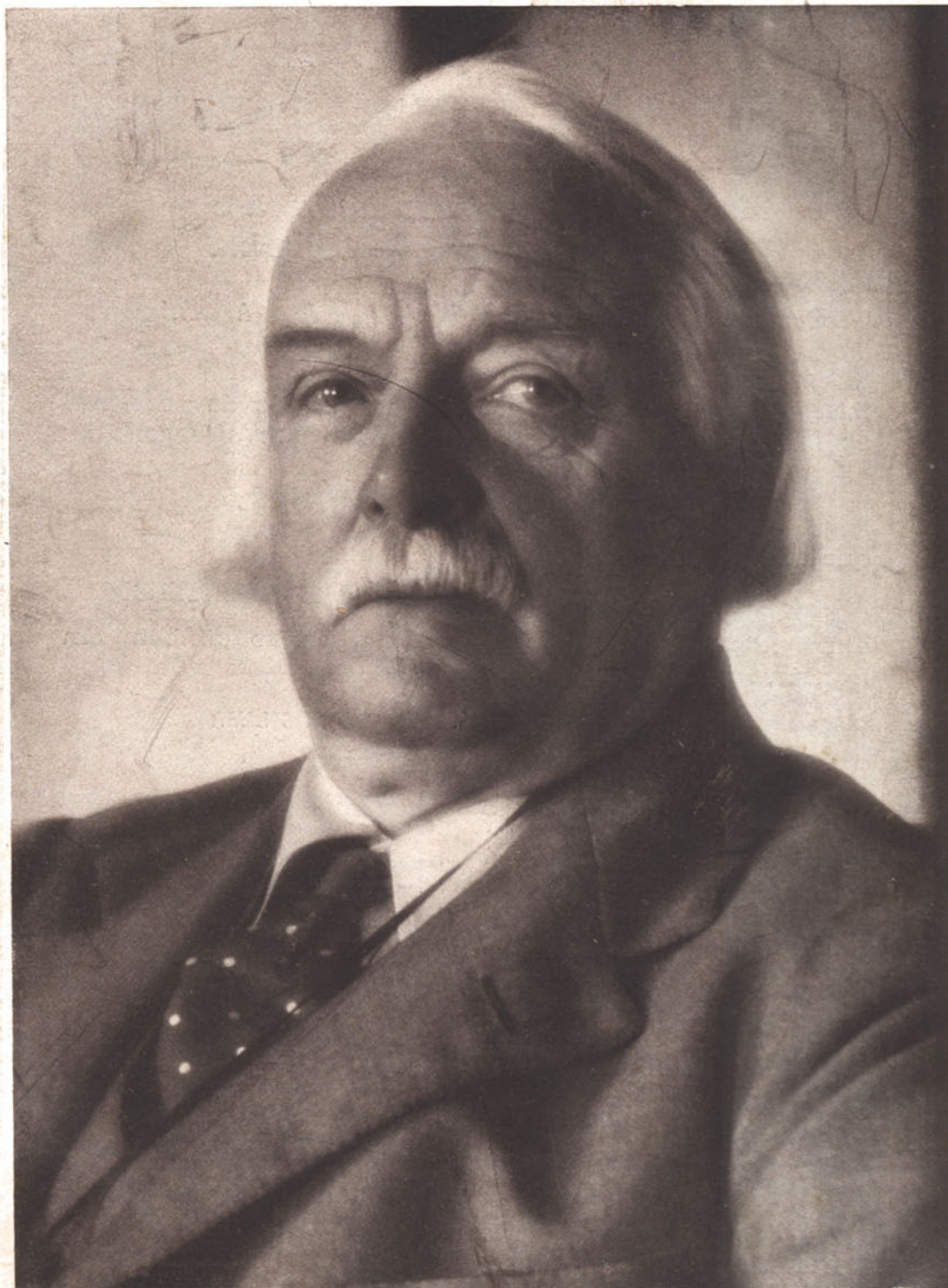


ILUSTRAÇÃO

N.º 195 — 9.º ano



LLOYD GEORGE

(Foto Horácio Novais)

Sensacional novidade literária

O empolgante romance de

GUIDO DA VERONA

**MIMI BLUETTE
FLOR DO MEU JARDIM**

**A vida aventureosa, amorosa e
trágica duma grande bailarina**

*Romance dum amor verdadeiro que leva à renúncia
duma vida faustosa e de prazer*

Interessante descrição duma viagem através do deserto —
: : Impressionante relato dum combate com selvagens : :

LIVRO INCOMPARÁVEL

que atingiu já na edição italiana

250 MIL EXEMPLARES DE TIRAGEM

e na edição espanhola 40 mil. Traduzido também em
francês, inglês, alemão, tcheco, etc.

Tradução portuguesa do Dr. CAMPOS LIMA

Capa a cores do pintor ROBERTO

**VIDA — AMOR
PAIXÃO — RENÚNCIA**

1 vol. de 310 páginas, broch. Esc. 12\$50; encad. Esc. 17\$50

Pelo correio, à cobrança, mais Esc. 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa
PREÇOS DE ASSINATURA

| | MESES | | |
|--------------------------------------|--------|--------|---------|
| | 3 | 6 | 12 |
| Portugal continental e insular | 30\$00 | 60\$00 | 120\$00 |
| (Registada) | 32\$40 | 64\$80 | 129\$60 |
| Ultramar Português | — | 64\$50 | 129\$00 |
| (Registada) | — | 69\$00 | 138\$00 |
| Espanha e suas colónias | — | 63\$00 | 126\$00 |
| (Registada) | — | 67\$50 | 135\$00 |
| Brasil | — | 66\$00 | 132\$00 |
| (Registada) | — | 75\$00 | 150\$00 |
| Outros países | — | 75\$00 | 150\$00 |
| (Registada) | — | 84\$00 | 168\$00 |

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

MARIA BENIGNA

O novo livro de **AQUILINO RIBEIRO**

Está no 4.º milhar

Autor consagrado, de mérito incontestável, a aparição dum novo livro de **Aquilino Ribeiro** é sempre revestida da curiosidade e do interesse que as boas obras literárias despertam no público.

MARIA BENIGNA, interessante romance de amor, é a última produção deste notável escritor, dos maiores da sua geração. Figuras, paisagem, ambiente é tudo novo, tudo diferente nesta preciosa obra, visto que o seu autor, desta vez, transportou para a capital os seus personagens, fazendo de Lisboa o centro de desenvolvimento da sua acção. Através de qualidades singulares que esta obra encerra, depara-se-nos uma melancolia e um pessimismo que não conhecíamos em outras obras de **Aquilino Ribeiro**, e que transmitem à **MARIA BENIGNA** uma suavidade encantadora e uma modalidade interessante na forma do eminente escritor.

1 vol. de 286 págs., brochado . . Esc. 12\$00
Encadernado. Esc. 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda em todas as boas livrarias

A 2.ª EDIÇÃO DO

TOLEDO

IMPRESSÕES E EVOCAÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 volume de 262 páginas, brochado 10\$00
Encadernado 15\$00

Pedidos aos editores **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O MESTRE POPULAR
OU
O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,
ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

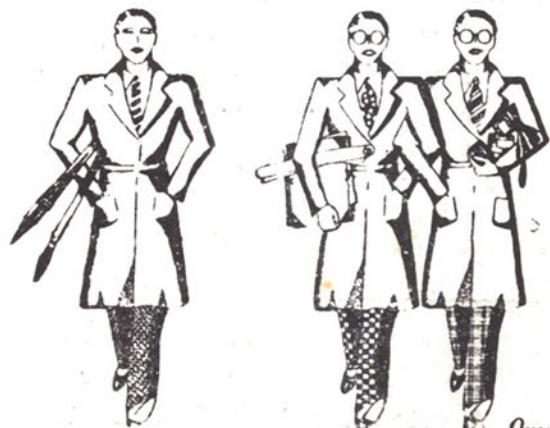
1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE **BERTRAND**
2 1368 **IRMÃOS, L.** DA
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal

POR **ALEXANDRE HERCULANO**

3 volumes 1.139 paginas

Brochados 30\$00
Encadernados 45\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortópico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automovéis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Taveira

Um volume de 670 páginas, encadernado em percalina

Escudos **25\$00**

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de sair a nova edição do

DESENHO DE MÁQUINAS

da Biblioteca de Instrução Profissional

1 volume de 344 páginas, 283 gravuras e 91 estampas. Encadernado em percalina, Esc. 30\$00 — Pelo correio à cobrança, Esc. 32\$50

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encad. com 351 págs. **25\$00**

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler

Com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosissimo vol. ilustrado. **6\$00**

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas } brochado 10\$00
encadernado 15\$00

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 2 0739

RUA DA ALEGRIA, 30
LISBOA



Oficina de composição

As mais modernas instalações do paiz e aquelas que maior capacidade de produção possuem



Secção especial de publicações ultra-rápidas



LIVROS, RELATÓRIOS, ETC.

TRABALHOS
COMERCIAIS

INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO

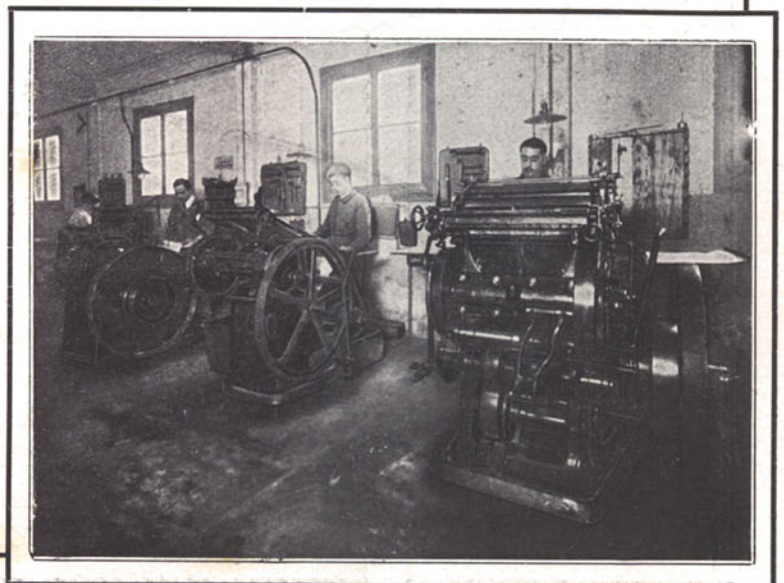
ORÇAMENTOS GRATIS



Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,
Almanaque
Bertrand
e
História
da
Literatura



Oficina de impressão

NOVIDADE LITERÁRIA
 JULIO DANTAS
ARTE DE AMAR

13.º e 14.º milhar

1 vol. de 226 pág., broc. 10\$00
 Enc. 15\$00

A' venda em todas as livrarias

Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL
 Rua da Condessa, 80
LISBOA



As dores de cabeça não matam,
 mas transformam a vida num
 inferno. Dois comprimidos de
 Cafiaspirina suprimem quasi
 instantaneamente as dores. São
 absolutamente inofensivos para
 o organismo.

Cafiaspirina



USE O CREME

Rainha da Hungria

INDISPENSÁVEL PARA
 A BELEZA DA PELE

DA-LHE A FRESCURA DA JUVENTUDE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Grande sucesso literário

3.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

Prémio Ricardo Malheiro
 Conferido pela Academia das Ciências de Lisboa

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
 encadernado 15\$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Ruy Sant'Elmo
MÁ SORTE

(É, o homem, senhor do pró-
 prio destino?)

2.º MILHAR

Excerpto da critica do Prof.
 Guerreiro Murta autor de

Como se aprende a redigir
 Como se aprende a estudar
 Como se aprende a conversar
 Manual da Língua Portuguesa
 Educação literária, etc.

«De bellissima architectura, planeado por imaginação de Mestre, o romance possui todas as qualidades das melhores obras do género: — enredo, cenários, lindos quadros da vida real, desenho seguro das personagens, pintura de costumes, equilibrio de raciocínio, conceitos filosóficos e evadidos, lógica das paixões e das emoções, imprevisto no desenrolar dos factos, descrições de grande originalidade e as mais belas virtudes da linguagem.»

Como ao ler qualquer obra a minha maior preocupação é apreciar o valor do esio, não posso deixar de salientar aqui a nobreza, a elegância, e o talhe genuinamente português com que o autor sabe vestir as mais lindas criações da imaginação. Se em Portugal abundassem criticos e leitores desejosos de apreçoar justiça, este trabalho teria já uma verdadeira consagração.

Enquanto, porém, isso não succeder, é com sincero orgulho que manifesto a minha maior admiração pelo brilhante talento deste escritor impecavel.

Livraria SÁ DA COSTA
 L. Poço Novo, 24—LISBOA

RESULTOU fruste o primeiro ensaio geral da revolução definitiva, essa que se propõe encharcar de felicidade a ocidental praia lusitana.

Aonde se diz felicidade, alguns entendem sangue, rugidos de dor, outros o prazer de saciar um ódio represso, pôr à vontade o instinto cruel, dar gôsto ao dedo homicida.

Pela amostra ficou conhecida a qualidade da fazenda a receber pelos que tiveram a dita de assistir ao grande dia. Corpos esfacelados, edifícios a arder, instrumentos de trabalho em ruínas, a guerra vandálica, a bestiagem enfurecida assolando cidades e campos, é a perspectiva oferecida pelos que se confessam redentores do sofrimento e prometem remediar todas as imperfeições da vida social.

Vão acabar com a fome, o desgastado, a vermina, a ignorância, a estupidez e portanto com a fealdade, a doença, a insuficiência física e mental de que deriva toda a desigualdade. E para conseguí-lo o remédio universal, ou teriagem escolhida, compõe-se de três elementos apenas, a dinamite, o ferro e o fogo.

Os últimos também a medicina intitulou de heróicos. O primeiro não o apontou Hipócrates ao escrever o aforismo "... quod ferrum non sanat, ignis sanat...". Apareceu agora no formulário dos que ardem de amor pela humanidade e não comem, nem dormem de tanto que pensam no bem comum, generalizado, distribuído por todos, o qual para muitos se resume em dar-lhes o repouso eterno.

Entre os singulares mistérios da natureza humana conta-se este dos que vivem atormentados pelo sofrimento alheio e que para mitigá-lo desencadeiam a ferocidade dos bebedores de sangue, incendiários destruidores de quanto existe, niveladores do que se eleva, para que tudo fique reduzido a uniformidade de deserto.

O prodígio, quer dizer, o desmesurado, acima do que a inteligência abrange, também aparece nos domínios da estupidez. Existe de facto uma estupidez, ilimitada, para além da consciência, ou de qualquer possibilidade de compreensão para as faculdades humanas.

Já as amendoieiras se toucaram de branco e os ulmeiros abriram aquele olho vermelho, discreto, que em Janeiro começa a luzir. A estas horas estariam mostrando os seus, a quem passasse perto deles, os que a mofina gente, em hora de insânia, trucidou no alto da Avenida. Agora encontra-se no lugar um campo raso, solitário, sem os velhos nem as crianças que as frondes chamavam e afagavam.

Causa horror atravessar o vazio onde espetaram uns galhos de carapeteiro ruím,

CRÓNICA DA QUINZENA

coberto de espinhos, que um dia serão talvez árvores daninhas de selva, magras, escanifradas, feias como fôrcas de Judas.

E para maior afronta de quem estimava o sítio, o tinha por amigo, se deleitava com a verdura e flores ali vecejantes, fizeram-no album de caricaturas vegetais, moderno invento com que se procura arrelhar o gôsto das pessoas sérias, a quem repugna ver troçar da nobre natureza. Depara-se no fatídico lugar com um cedro armado em galinha, outro em saca-rôlhas. Árvores sempre admiradas pelo seu porte de dignidade e beleza aparecem mudadas em baldes, em regadores, em sapos e lagartos, decerto para satisfazer os caprichos de algum egocêntrico, a tender para mentecapto.

Parece que desde a morte dos ulmeiros caiu naquele chão alguma praga, como às vezes sucede ao empapado pelo sangue de inocentes.

Nem que salgassem a terra, ficaria tão árida, nem que a povoassem de caveiras, ficaria mais triste. A saudade sentida pelos que conheceram e amaram as velhas frondes, os troncos já veneráveis, faz-lhes perceber sombras e sons lúgubres, talvez relacionados com a alma das árvores sacrificadas.

Ouvem-se choros, maldições, gritos de dor. E até hoje ainda Júpiter não decepou com um raio as mãos culposas que cometeram o crime.

Prova de que Júpiter adormeceu e a sua justiça divina não vale um ferro velho.

Desenjaularam o Marquez e o sol desenhou no azul magnífico de Lisboa, em que nenhum pormenor se perde, a coisa mais feia que se tem visto desde Ulisses para cá. Nem o Polifemo, Sila, Caribides, depois o Adamastôr apresentaram caranca tão horrenda, nem atitude mais malcriada que a desse gigante de bronze.

Puzeram-no ali a açular o cão contra a cidade, como se a inocente filha do Tejo lhe tivesse feito algum mal à entrinha sanguinária. Dá vontade de disar-lhe cá de baixo:

"Ninguém lhe foi ás nesperas, patrão-sinho.."

E, á criada que está espulgando o lençol da varanda para a rua, também cresce a língua para bradar-lhe:

"O menina, repare em quem vai pas-

sando que pôde não ter gosto nenhum em receber a vermina do sr. Marquez.."

Ainda há quem espere para breve o comêço das obras de demolição, fiados no velho geito do burgo que num dia ergue, o que no seguinte apeia. Não é de crêr, porque neste caso o trabalho de desfazer seria muito maior que o de fazer.

Aquilo armou-se para desafiar os séculos e demonstrar aos vindouros que, entre todas as épocas desvairadas que atravessamos, nenhuma excedeu a de 1934, pois só agora se cometeu a enormidade de inaugurar um monumento do século anterior.

Na verdade, corrido meio mundo, não se acharia estro como o nosso, capaz de servir-se de uma e mesma expressão criada quarenta anos antes. Nesse intervalo apareceu o automóvel, o avião, o rádio, e com eles um sem numero de meios de traduzir sentimentos. Chegou-se a uma síntese nunca antevista, a ritmos imprevisíveis que a literatura, a pintura, a arquitetura, a própria ciência aproveitaram para comunicar ideias. Pôde entender-se que a estatuaria e a arte do monumento ficassem imóveis?

Em 1750 é que a agricultura precisava de um boi, o vinho de uma pipa para se representarem. No momento que decorre dispensa-se tanta retórica.

Menos de metade do material bastaria para dizer muito mais.

A menos que não sejam mulatos falando a pretos, ha maneiras muito diversas de pronunciar amor, quando se possua loquela valida, sem gaguez, nem rouquidão.

Um marquez daquele tamanho, com tal acompanhamento, só aos desditosos lisboetas podia cair em cima.

No domingo 28 a Câmara de Lisboa ofereceu ao povo um espectáculo inédito, vistoso que deleitou quantos o presenciaram. Apresentou na rua desde o Campo Pequeno ao Terreiro do Paço a exposição viva, animada, dos meios de transporte usados nos últimos quatrocentos anos. Belo, instrutivo, movimentado regalou os olhos e fez vibrar as almas num frémito desconhecido, particularmente aquelas que se interessam pela cultura do habitante, da grande massa até hoje ignorada do pensamento e iniciativa municipal.

O que mais importa notar no acontecimento é a prova segura de que o Leal Senado, o actual, descobriu enfim, aquilo que aos anteriores não preocupou, vem a ser a existência de um espírito dentro do corpo de cada morador, ao qual se deve dar um alimento, no género do fornecido agora. Deve citar-se como triunfo o que acaba de suceder.

Samuel Maia.

Lloyd George

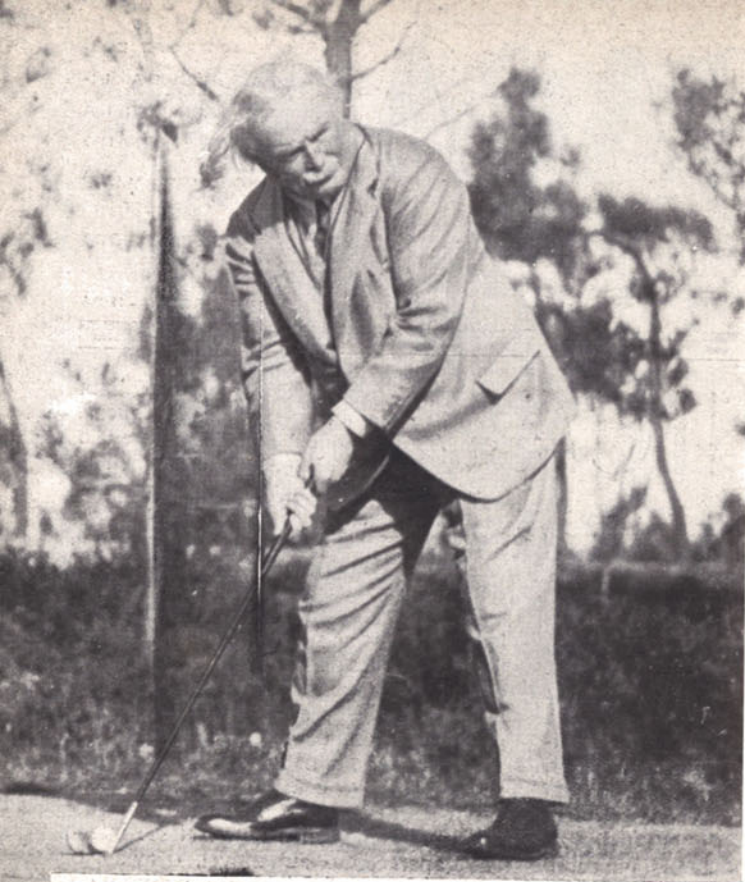
e a sua estadia no Estoril durante vinte dias

DURANTE a sua permanência de cerca de três semanas no nosso país, Lloyd George, fez no Estoril a vida simples e sã dum burguês britânico em férias.

Era um apaixonado pela Natureza, como todos os ingleses. Logo pela manhã, levantava-se e assomava à varanda do seu quarto que dominava o parque e o horizonte longínquo do Oceano. Enchia os pulmões daquele ar lavado, impregnado de sol e iodo. E enchia também os olhos com a luz rutilante do céu sem nuvens do Estoril.

Em seguida descia ao campo de *golf*. Durante uma hora ou duas jogava *sets* consecutivos com o filho, o major Gwilyn Lloyd George, que raramente ganhava. Era este o parceiro predilecto do velho político inglês, talvez pela docilidade com que se deixava vencer. Só uma ou duas vezes o viram jogar com lord Devonport, mas nessa altura a sorte do jogo mudava-se e uma ligeira impaciência traía-se através do seu rosto sereno.

De tarde, o eminente "leader" liberal inglês, trabalhava nas suas memórias, cujo segundo volume deve ficar pronto dentro em pouco tempo. O clima doce da nossa Costa do Sol não quebrantava a sua energia de homem de acção. Encerrava-se no seu quarto, frente à janela, e fitando o espaço azul com aqueles seus olhos de extraordinária vivacidade, ia evocando factos, datas, pedaços de história que constituirão amanhã preciosa documentação para quem se propusera constituir a nossa epoca.



Em cima: Lloyd George jogando o «golf».

Ao centro: O estadista britânico,

acompanhado por lord Devonport e pelo professor Coombes, depois duma partida de «golf».

À direita: Lloyd George durante a merenda no Palácio da Pena

quando da sua visita a Sintra. O eminente político demorou-se largo tempo admirando a formosíssima vista que se disfruta do castelo dos mouros.

Em baixo: O chefe do partido liberal inglês, no banquete de gala no dia do seu aniversário, acompanhado de seus filhos e de algumas altas figuras da colônia inglesa em Lisboa, que foram ao Estoril-Palácio, felicita-lo.



Lloyd George

e a participação de Portugal na Grande Guerra

LLOYD GEORGE, o eminente político britânico, escolheu a nossa "Costa do Sol" para repousar da sua actividade política e para coligir apontamentos para o seu livro de memórias que, conforme já dissémos se intitulará «Twenty-five years — 1892-1916».

Ao proceder assim, Lloyd George tinha principalmente em vista recolher informações necessárias ao seu trabalho sobre a participação dos portugueses na Grande Guerra. O esforço dispendido pelos portugueses na conflagração mundial não foi ainda suficientemente pôsto em relêvo no estrangeiro nem encontrou ainda lá fóra quem lhe prestasse a justiça que merece. Lloyd George, escritor consciencioso, que quis vir escolher pessoalmente os pormenores de que carecia, vai preencher em parte essa lacuna. O serviço que nos prestará com isso é, portanto, valiosíssimo.

Para o fim que tinha em vista, Lloyd George avistou-se, durante a sua estadia em Portugal, com duas personalidades eminentes que nesses acontecimentos desempenharam papel preponderante. Foram elas o general sr. Ferreira Martins, antigo sub-chefe do E. M. do C. E. P. e o general sr. Norton de Matos, ministro da guerra à data da declaração da guerra pelo nosso país à Alemanha e organizador do C. E. P..

Lloyd George, que é dotado duma memória privilegiada, interrogou durante largo tempo os dois generais portugueses, pedindo pormenores e esclarecimentos. A sua mão traçava no espaço, ao mesmo tempo que falava, um imaginário mapa do front, na linha que portugueses e ingleses denodadamente defenderam.

Interessou-se principalmente em saber de quantos homens se compunha o nosso corpo expedicionário. Depois de ter sido informado que o seu efectivo atingiria 55.000 homens, pediu pormenores sobre o célebre choque entre divisões portuguesas e alemãs que ficou conhecido pelo "9 de Abril".

Os generais portugueses não perderam esta ocasião de pôr em justa evidencia, perante o nosso ilustre hóspede, o valor e significado da tenaz resistência oposta pelas nossas divisões, extenuadas por um esforço de cinco meses ininterruptos da vida de trincheira. Salientaram, por outro lado, a importância da luta que as nossas tropas tiveram de sustentar em África contra as forças aguerridas comandadas por von Lettow.

Lloyd George mostrou ainda desejo de conhecer o modo como se recruta-

Um aspecto da entrevista entre Lloyd George e o general Ferreira Martins, a que assistiu, na qualidade de interprete, o capitão Pereira Coutinho



vam os oficiais que acompanharam o C. E. P. e os cursos que faziam. E em seguida quis saber a razão porque depois do fim de 1917, o nosso país deixára de enviar reforços para a frente da batalha.

Foi-lhe então explicado que Portugal passára nessa época por uma convulsão política, após a subida de Sidónio Pais ao poder, e que, quando, em seguida ao "9 de Abril", o governo português decidira enviar reforços, a Inglaterra não pôde dispensar os navios de transporte necessários à sua condução.

Durante estas entrevistas, maravilhou os seus interlocutores pela admirável fidelidade da sua memória que evoca facilmente os mais insignificantes factos ligados a êsse período, já distante cêrca de quinze anos.

Mas apesar das suas brilhantes faculdades de mnemonica, Lloyd George nada confia à fantasia duma recordação. Às suas entrevistas assistiu sempre o seu secretário particular Mr. Silvester que, do quanto ouviu, tomou breves notas taquigráficas.

O general sr. Ferreira Martins que está dirigindo a edição da "História de Portugal na Guerra", ofereceu ao eminente político britânico alguns volumes dêsse importante trabalho já publicados.

O general Norton de Matos, abordado pelos jornalistas, disse o que havia sido a sua longa conversa com Lloyd George. Foram estas as palavras do antigo ministro da guerra:

— A minha entrevista com Lloyd George não pode classificar-se de conferência protocolar. Foi, antes, uma conversa "after-lunch", entre dois velhos amigos que não se viam há muito tempo e que gostosamente voltaram a encontrar-se... Na parte que diz respeito à acção de Portugal na Grande Guerra, falámos, especialmente, do que se passou em Moçambique e Angola, nesse período grave em que as forças portuguesas, comandadas pelos generais Sousa Rosa, Roçadas e Pereira de Eça, se ba-





Os convidados ao almoço da embaixada de Inglaterra, entre os quais se vê, à esquerda de Lloyd George, o sr. dr. Oliveira Salazar, chefe do governo

teram galhardamente contra as legiões germânicas de von Lettow e Franck.

Sobre a nossa participação em França, o general Norton de Matos afirmou que haviam conversado pouco. No entanto, disse:

— Lloyd George fez o maior elogio ao nosso soldado, classificando-o de "first class", tão valente como o sérvio, que considera o melhor da Europa. Estas palavras, que há mais de um século foram também pronunciadas por Wellington, não me surpreenderam, porque as tinha já ouvido, em França, a "sir" Douglas Haig. Referi-me, por minha parte, merecidamente, à valentia dos soldados e oficiais com a escola de Africa.

■

A convite da Sociedade Propaganda de Portugal e com o apoio do Conselho Nacional de Turismo, Lloyd George visitou as "linhas de Torres". Acompanhou-o o general Ferreira Botelho. Esteve na Murgeira e, em presença dum mapa da região, verificou a estrutura da primeira e segundas linhas de Torres. Visitou em seguida, detalhadamente, o castelo de Torres Vedras, donde se disfruta o campo onde, durante a invasão napoleónica, as tropas anglo-lusas alcançaram grandes vitórias.

■

Lloyd George partiu do nosso país, no dia 29 último, confessando-se encantado com a beleza da região e a amenidade do clima, e prometendo para breve uma nova visita a terra tão acolhedora.

Ao deixar Portugal falou, embora tivesse sido pouco expansivo, do momento atual da política inglesa. Limitou-se a afirmar que a embrulhada aparente que diz estar próxima é o reflexo natural do que vai pelo mundo inteiro e encontrará, certamente, como barreira inexpugnável o excepcional bom senso britânico de que é depositário a classe média constituída pela poderosa burguesia inglesa. Sobre a demissão inesperada do governo francês, devido ao escândalo Stavisky, afirmou:

— Considero a queda do governo

francês como um acontecimento grave na política da França e do Mundo. Esse governo, incontestavelmente, trabalhava para garantir a paz mundial. Evidentemente que tudo neste momento depende do governo que se formar dentro dos princípios constitucionais que o povo francês, até nas circunstâncias mais graves, acata e respeita como penhor da própria liberdade. A atual crise, é na verdade bem grave, será em minha opinião, debelada pelo melhor, ou então...

Sobre Portugal, o ilustre chefe do partido liberal britânico, disse aos jornalistas que estiveram a bordo do "Avila Star":

— O vosso país é adorável como paisagem e clima. O povo sofre naturalmente a influência benéfica desses factores que o tornou generoso e bom. Isto verifiquei nos poucos dias que aqui passei, principalmente durante a agradabilíssima excursão que fiz há dias pelo campo, a convite da Sociedade Propaganda de Portugal. Asseguro-lhe que o Estoril possui condições para ser um concorrente perigoso das "Rivieras".

À despedida, disse ainda, referindo-se às nossas colónias:

— Portugal possui um secular Imperio Colonial e seria ridículo contestar os seus direitos, confirmados ainda recentemente pela defesa heroica que deles fizeram os soldados de Portugal no conflito europeu.

■

Vem a propósito recordar a visita que ao nosso ilustre hóspede fez o seu amigo e correligionário Lord Devonport. Como se sabe êste último foi conhecido no seu país, no tempo da conflagração europeia, pela pitoresca designação de "ditador das subsistências". Tanto êle como Lloyd George detiveram durante algum tempo nas suas mãos prudentes e vigorosas os destinos da Inglaterra. O seu encontro de há dias sob o céu luminoso do Estoril evoca um período trágico da história contemporânea e pode ter se se quiser um estranho simbolismo, agora que nuvens negras ameaçam de novo a Europa.

■

O general Ferreira Martins numa carta que enviou ao "Diário de Notícias", dizia:

"Falou-me Lloyd George do tal artigo do "Bystender", que classificou de monstruoso e contra a qual, disse, vai protestar quando chegar a Londres.

"À minha pergunta sobre as suas impressões da visita às linhas de Torres Vedras, mostrou-se encantado por ter tido ocasião de fazer idéias dessas esplêndidas posições defensivas, e pronunciou a seguinte frase: "Salvaram a Europa do imperialíssimo napoleónico".

A entrevista de Lloyd George com o general Norton de Matos. Ao centro, o secretário do estadista inglês, toma notas



ONTEM E HOJE

1533—1933

Fala-se muito em *caravelas* e no *astrolábio*, mas eu não os conhecia praticamente. Navegar em caravelas já não é possível: a última que se construiu, há poucos anos, como *atracção* para a Exposição de Sevilha, não parece suscetível de ir ao mar alto como fôram as de Bartolomeu Dias (1486) e as de Colombo (1492). Sòmente podemos fazer idea das suas manobras e possibilidades, vendo navegar e manobrar certos barcos de velame análogo, os *pangaios* do Oceano Índico.

Quanto ao *astrolábio*, o caso é mais fácil. Existem alguns exemplares dêste instrumento, da sua época, e eu disponho de um astrolábio de marinha, do século XVI.

Assim, na minha última viagem a Africa, em 1933, fui aproveitando a forçada ociosidade de bordo para comparar experimentalmente os recursos dos navegadores do século XVI com aquêles recursos aperfeiçoados de que dispõem os seus descendentes; êles apreciavam a profundidade do mar *sondando a prumo* de chumbo; agora *sonda-se pelo som*, e um aparelho automático vai desenhando os contornos detalhados do fundo do mar!

Esta diferença define o progresso dos navegadores de agora. A posição do navio, nos casos em que se estava fóra das vistas de terra, era então — como hoje — determinada recorrendo á única coisa que estava á vista, *os astros*. Havia a *balestilha*, que se servia do horisonte do mar; e houve muito tempo o *astrolábio*, que referia os astros á vertical, dada por essa espécie de *prumo*. Estes, de há dois séculos para cá, foram substituídos pelo *sextante*, instrumento muito mais preciso, que mede a altura dos astros com a aproximação do minuto, o que corresponde a cerca de um terço da *legua* marítima.

Nas antigas observações o astrolábio — como o sabemos pela relação da viagem á Índia, de D. João de Castro, em 1538 — colaboravam vários operadores a *tomar o sol*, o *doctor*, o *piloto*, o *mestre*, o *calafate*, além de marinheiros e de *outras pessoas*.

Assim, ao contrário do que se tem escrito, esta observação do sol não exigia *astrónomos* mas *jongleurs*, porque era preciso tornar o astrolábio, pendurado na mão por um anel, o mais independente que fôsse possível dos movimentos do balanço do navio. Nas minhas experiências de 1933, embora o paquete *Angola* fôsse muito maior que as naus e caravelas — dando por isso menos balanço — também, em compensação, lhe faltavam as vélas para moderarem a seu movimento sacudido, causado pelas vagas. E reconheci que aquela sensibilidade de equilibrista, que o astrolábio impõe, exige grande experiência, sendo natural chegar-se a melhores resultados dos que eu obtive. Na minha prática, as alturas diferiam menos de *um grau* da altura meridiana do sol,



A bordo do «Angola»: os srs. almirante Gago Coutinho e comandante Nazaré Cardoso

aproximada a minutos pelos sextantes dos jovens oficiais do *Angola*. Isto corresponde a dizer que um navio que viesse a demandar Lisboa na *volta dos Açores* — derrota imposta pelos ventos gerais do Atlantico — traria uma incertesa na sua posição que podemos julgar inferior á distancia que ha entre as Berlengas e o Cabo Espichel, se a bordo houvesse aquele observador que suponho, mais experimentado com o astrolábio que eu.

Recorrendo a um processo desconhecido no século XVI — a fotografia — fez-se a gravura acima, que simbolisa sugestivamente os náuticos de *ontem* e de *hoje*: o *piloto civil* da nau *Grifo*, em que D. João de Castro navegou nos mares de Cabo Verde, observando o sol ao meio dia a *astrolábio*, e, no mesmo mar, em 1933, a mesma observação do sol feita pelo *sextante* de luxo do progressivo comandante Nazaré Cardoso, do maior paquete português, o *Angola*, cujas singraduras diárias passam sempre das cem léguas.

Neste “imenso lago do salgado Oceano,” — como lhe chamou Camões — não há agora *caravelas* e até o próprio navio de vela é extremamente raro. E os poucos navios, que ainda se aproveitam da ação do vento nas velas, têm agora geralmente *motores* e *rádio*: está-se minutos e não dois anos, como esteve D. Manuel, sem se saber se os Vascos da Gama de agora montaram o Cabo da Boa Esperança.

Assim difere o *ontem* do astrolábio, do *hoje* do *sextante*!

1934 — Janeiro

Gago Coutinho.



IMPRESSÕES DUMA VISITA A Alemanha pouco depois de findar a guerra...

não vi-
mos pai-
ra infa-
lível bar-
ba fluvial
de Herr Wilms, com a sua ciência das sete partidas tanto em *Harmonika-Zug* como em transatlântico. Era um homem admirável e prestabilíssimo, pois sabia de cór, melhor que cristão o padre-nosso, o horário universal de todas as linhas através do complexo orbe. Em poucos minutos traçar-nos-ia o percurso menos batido e mais intrincado, quer na Europa, que abarcava com um olhar, tal simples pele de boi estendida a seus pés, quer na América ou Ásia misteriosa, no conhecimento das quais ninguém lhe levava as lampas. E nunca deixava de ilustrar o roteiro com comentários e notas circunstanciais: "No ano de... o rápido descolou à entrada do túnel. Morreram x passageiros.. "No entroncamento das linhas de... e de... fica a cidade de... Há lá uns bons primitivos flamengos. Tem tempo de sobra para os ver, se quiser.. "Para as termas de... leve dinheiro trocado. Os cambistas passam pelos maiores larapios do mundo.. "O hotel de... é confortável se bem que caro. Esteve lá este e aquele poeta, este ou aquele general.. "Em Singapura há uma rua interminável de *filles de joie*. Passa um marinheiro e das duas filhas de portas rompe uma guinchada semelhante à de ratas à bulha: *vi cá! vi cá!*.. Cuidado com a fazenda!.."

Herr Wilms era de baixo da rosa do sol, no país sapiente, o comentário mais completo histórico-anedótico, folclórico-culinário que havia ao atlas universal. Por mais dum aspecto desbancava a Crónica de Nuremberg. As suas relações tinham o sabor mixto de Marco Polo e geógrafo de fresca data. Por isso, forasteiro que caísse uma vez no Friedrichshof, não demandava outro.

Não descobria o homem precioso e procurei-o. Fui topá-lo na porta dois números adiante, sentado num escabelo a cismar. A mesma barba lhe tacia um peitoral de neve; nos olhos brincava-lhe a mesma palheta azul de mar. Recusou-se porém, a reconhecer-nos. E, em voz atribulada perante a insistência, exclamou: — Não quero vêr ninguém, não posso... Não mo suportam os nervos!..

Morreram-lhe dois filhos, a quebra do marco arruinou-o, a filha deu em droga, roubada ao marido por um prisioneiro de guerra — ouvi murmurar. Fui-me dali, incerto da porta a que havia de bater. Em frente estava o Central-Hotel, em cuja fachada, lés a lés do quarteirão, reluziam a letra vermelha os nomes orgulhosos das grandes cidades germânicas. Não restava livre um só quarto. A deslado, no Coburg-Hotel, tudo ocupado; mais adiante outro, à cunha igualmente. Diri-

gimos as
pesqui-
sas para
o Magde-
burger-

Hof, como se andássemos palpano do deserto; aí tivemos a sorte de encontrar um quatozito arejado, com a sua mobília alegre e cómoda, despertador eléctrico, lâmpadas de duas côres, todo um conforto simples mas delectável, alemão e de mais ninguém.

Quando voltámos à rua caía uma molinha muito rala do céu baixo e fuscio. Grande formigueiro de gente ía e vinha, asfalto espelhado fóra, a passo rápido, fustigado pelo vento glacial. O alemão, de resto, apenas conhece os ritmos lentos ao piano. Filas, a que se não via o fundo, de bondes eléctricos pejavam as largas artérias. Andavam mais sujos que os de Paris, o que seria incompreensível se não fósse o desmazelo que veio com as sete pragas da derrota. Poucos carros de luxo se descobriam; em contra, abundava a *cyclonette*, de três rodas, de diferentes qualidades e tamanhos, apta a todos os usos, e que barata e pouco dispendiosa se tornara o automóvel em voga.

Trajava com asseio, embora modestamente, a população. Haviam-se sumido os uniformes, carregados de oiro e berantes de cór, que pintalgavam a rua alemã. De facto, raros eram os tropas e os que se viam pareciam escolhidos a dedo de molde a tranquilizar o mundo. Pertenciam à classe nada em 1902, e imberbes, acalanhados por cinco anos de fome, lembravam os soldadinhos de chumbo de Nuremberg. Lembraram-me também pelo ar inocente e assim afoçados na multidão, os nossos pupillos do exército. Ao que veio dar a formidável máquina de guerra! Era para erguer as mãos e proclamar com o Eclesiastes a inanidade do que se afigura mais temporalmente forte.

Não se deparavam estropeados como em Paris; a guerra aqui trazia venda; seria preciso espereitar por baixo para enxergar a megéria. O pernetá tinha gâmbre articulada de aço, o maneta mão de pau enlavad. Numa das pontes da Spree dei de cara, sim, com um inválido. Trazia barretina suja de *hussard*, e com uma perna de pau e sem um braço, como se fósse rachado ao meio, ia claudicando de passante para passante, metendo-lhes aos olhos bilhetes postais sebentos com representações ignóbeis de bordel. Toda a gente o repelia, toda a gente se apartava, que o porte dêle, muito esgalgado, tez de defunto, olhos de louco, metiam médo. E, não obstante, lá continuava claudicando, arrastando de pessoa para pessoa, o ar maldito, na teima de pescar dois *pfennigs* com que matar a fome, se não ir embebedar-se.

Tinham-se eclipsado as belas fardas, mas a boina prussiana de debum encarnado flutuava na onda humana. Punham-na os estudantinhos da escola primária e o rapazio pobre. Sucedia, porém, que a fimbria vermelha lhes tornava mais pálicos os rostos macilentos. Adivinhava-se neles a miséria; constituíam a geração da fome. As cidades alemãs viviam à mingoa de recursos; proclamava-o o cartaz colado por burgos e aldeias: *Camponeses, lavrat Jundo, as cidades têm fome!*

O café chamado *moka* era detestável, aguariça parda, levemente cór de sépia, a dois marcos a xícara. Havia o *Ersen-Kaffe* (café de ervilhas) mais reles ainda. O pão e adubos eram repartidos mediante senhas, e de certo Jesus se reservou maior razão quando jejuou trinta dias no Monte das Oliveiras. A fome tinha, aliás, um fácies acentuado e dava os seus espectáculos bem às vistas nas ruas de Berlim. Aqui, além, pela cidade fóra, havia ajuntamentos de povo. Poder-se-ia supor que, à maneira portuguesa, se observava ali duelo de fadistas, ou, à francesa, a *passage à tabac* de Crainquebille. Nada disso; o ajuntamento era diante dos restaurantes e casas de pasto, e ovelhas não estavam mais mansas; contentavam-se com olhar. Os armazens de comes e bebes tiveram, com a crise de mantimentos, a sinistra ideia de usar mostrador como os bazares. Não expunham o rico pato assado inteirinho, a lagosta cór de rosa, exhibição que seria natural na Travessa da Palha mas, que me lembre, não estava nos hábitos de Berlim. Não; o que expunham era o quantitativo por determinado preço, as *portionen*.

E diante das *portionen*, mais avantajadas, menos avantajadas, sóbrias ou pouco

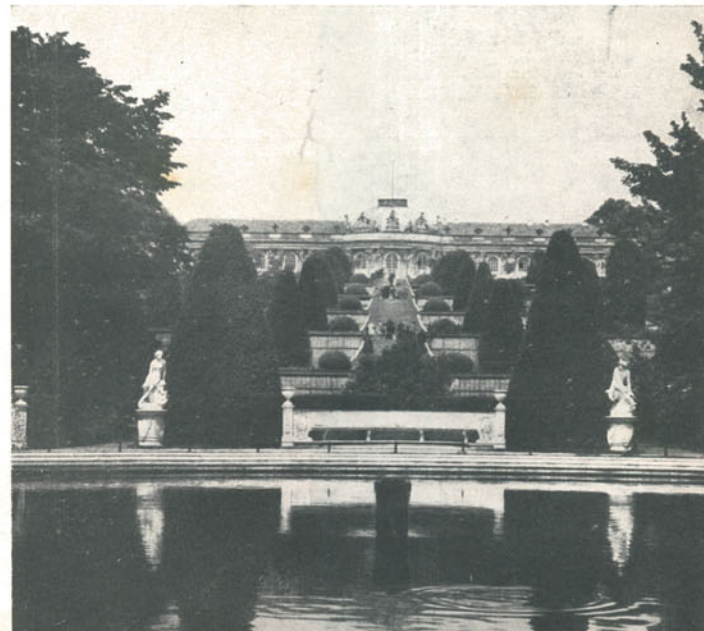
menos que sóbrias, representava-se mil vezes ao dia pelo Proteu, que é a multidão, o drama tântico da fome. Diante do pratinho da salada, das rodelas de chouriço de cabra, viam-se dedos magros de criancinhas a apontar, enquanto os lábios lhes chilreavam. Viam-se rapariguinhas bonitas com ganas de vender a Lúculo a virgindade; honestas burguesas capazes de trocar a honra por uma indigestão. Pessoas que, antes da guerra, levavam o dia sem apuros e, todas as noites, sóbre as migalhas do açaite, podiam agradecer ao Senhor o pão nosso, rangiam agora os dentes e o coração lhes estalava fibra a fibra.

O forasteiro, é claro, que trouxesse no bolso uns milhares de marcos, encontraria em Berlim, em Dresse, em Hamburgo, no Hanovre, tudo o que lhe apetecesse a vontade. Indubitável que encontraria. A população, porém, é que não pudera ressarcir-se do desequilíbrio económico, que se sucedera à derrota, e Lazarava. Pululavam os malandrins, as raparigas de vida airada, os ladrões. No hotel, no restaurante, na rua, a polícia, sempre solícita, cobria as paredes com letreiros dêste tior: *Vor Taschen dieben wird gewarnt*.

Se a gente não levasse as mãos nas algibeiras ao atravessar a rua, se no hotel se pusessem os sapatos fóra da porta para engraxar, se não se trouxesse de olho o criado que nos servia o enjoativo *schweinesbraten*, estava-se roubado. A decomposição lavrava naquela terra, pouco antes tão robusta. *Gott nicht mit uns* — assim, não fóra mentirosa a legenda.

(Do livro no prelo: *E a guerra*).

Aquilino Ribeiro.



A esquadria que conduziu ao Palácio de Sava Nouci, em Potsdam

SETE anos de ausência, subversão pavorosa de seres e coisas, catástrofe inaudita, como iria encontrar eu a Alemanha? Pungido de curiosidade quase angustiada pisei o território do Reich pela gare de Herbsial, silenciosa e vazia, com o tecto esburacado pelas bombas dos aviões. A perder de vista, até os fuminhos baços do horizonte, névoa do céu ou orla de bosque, a campina estendia-se verde, com esta uniformidade de tom própria das pastagens outonais após as primeiras chuvas. Mas faltavam-lhe as vacas, as inumeráveis manadas dantes da guerra, e o verde era frio e desolado. Bandos de corvos e de gralhas pincharolavam nas sebes e não se viam outros donos à terra desamparada.

No combóio fazia frio, mas frio que não era apenas a expressão do clima naquela altura do ano; os viajantes tinham entorpecido nas banquetas; dir-se-ia que cada qual ia a ouvir no jôgo das bieles e das cem rodas a música a talhe do seu estado de espírito. De gare para gare os soldados e oficiais ingleses da ocupação subiam e desciam, e as suas figuras taciturnas alevantavam um eco da guerra e davam ao expresso certo ar de internacionalidade.

Até Colónia mal se ouvia falar alemão; de Colónia em diante não se falava outro idioma. A mutação fóra radical; a carruagem perdera a feição neutra; de ninguém; era alemã; ia cheia de alemães; rodava com segurança alemã. Simultaneamente, sentimos em tórno uma reacção geral contra tudo o que cheirava em nós a estrangeiro, a nossa fisionomia, a nossa língua, as nossas malas. Compreendia-se: chegávamos das bandas do Oeste, se não éramos franceses, éramos latinos pela certa. O caso é que bem distintamente reparámos que abominavam em nós o inimigo de ontem. Não nos injuriaram; não nos tocaram com um só dedo molhado; mas afevelaram face a nossas pessoas a máscara do desdém que lhes desconhecíamos e os tornava alvares. E era curioso vê-los naquele fácies, povo que

não sabe desprezar, porquanto o desprezo, como sentimento furta-côres que é, coaduna-se pouco com o génio dos fortes. Fingiam, ainda, ignorar que íamos ao lado dêles, e cavaqueavam uns de tudo, menos da guerra, em tom moroso, tom de pessoas convalescentes, ou simulavam outros, especados ao canto, dormitar.

Quatro anos de combate, a terrível desilusão, Versalhes tinham passado por êles; tinham passado e, apenas por isto, esta contractura de temperamento e este psalmado da voz, se notava que tinham passado; por mais nada; todos vestiam confortavelmente e exibiam anafado e poderoso cachão.

Noite fóra, as estações foram discorrendo, cegas de luz e amplas, os seus nomes vulgarizados em belos artefactos de aço; com os alvares do dia, Magdeburgo; na manhãzinha, Spandau e os subúrbios de Berlim em cortejo, às duas mãos. Com o fito em Potsdamer Bahnhof deixámos atrás as estações de Alexander-Platz e da Friedrich-Str. altas e vastas de modo a sob elas pudermos dançar à vontade muitos elevadores de Santa Justa, até que em Schlesischer Bahnhof, à voz de *alle austainen*, nos apercebemos do lôgro. O combóio acabava de despejar-se; lá iam soberbos, a rir-se de nós dois alemães, nossos companheiros de viagem, que bem puderam ter-nos advertido. Também o revisor afevelou uma careta de troça. Enfim, tive desta forma ocasião de observar que desaparecera o alemão amável, pressuroso com o próximo, que falava todas as línguas vivas e mortas e lia até no pensamento dos outros na ânsia de obsequiar.

Retrocédemos de automóvel até a Friedrich-Str. onde, antes da guerra, costumávamos descer. A carreira custou oito vezes mais que a soma marcada pelo taxímetro; era a sobretaxa, primeira e balbuciente amostra do regimen de alcavalas que avassalava esta nação, outróra tão expedita e formal. O Hotel Friedrichshof acabára; já à porta, ao acercarmo-nos,

OS BANQUETES DA QUINZENA



CAMPANHA DO SUL DE ANGOLA DE 1914-15 — Presidido pelo sr. ministro da guerra, realizou-se há dias o jantar de confraternização dos oficiais de terra e mar que cooperaram na ocupação militar do Sul de Angola em 1914-15. Houve amistosos brindes, não se tendo feito discursos



AO AUTOR-ACTOR JOAQUIM ALMADA — Organizado pelos seus antigos camaradas da Casa Pia, realizou-se num dos restaurantes de Lisboa um banquete de homenagem ao autor-actor Joaquim Almada, pelo exito obtido com a peça da sua autoria «O senhor professor». Presidiu o sr. Alfredo Soares, antigo director daquele estabelecimento de ensino. Falaram os srs. Cruz Filipe, Silvestre da Silva, actual sub-director da Casa Pia, Samuel Diniç, Luiz da Costa Santos, Cardoso dos Santos, o aluno da Casa Pia Lino Delgado e Alfredo Soares. Joaquim Almada agradeceu os brindes que lhe fizeram, elogiando a escola onde foi educado

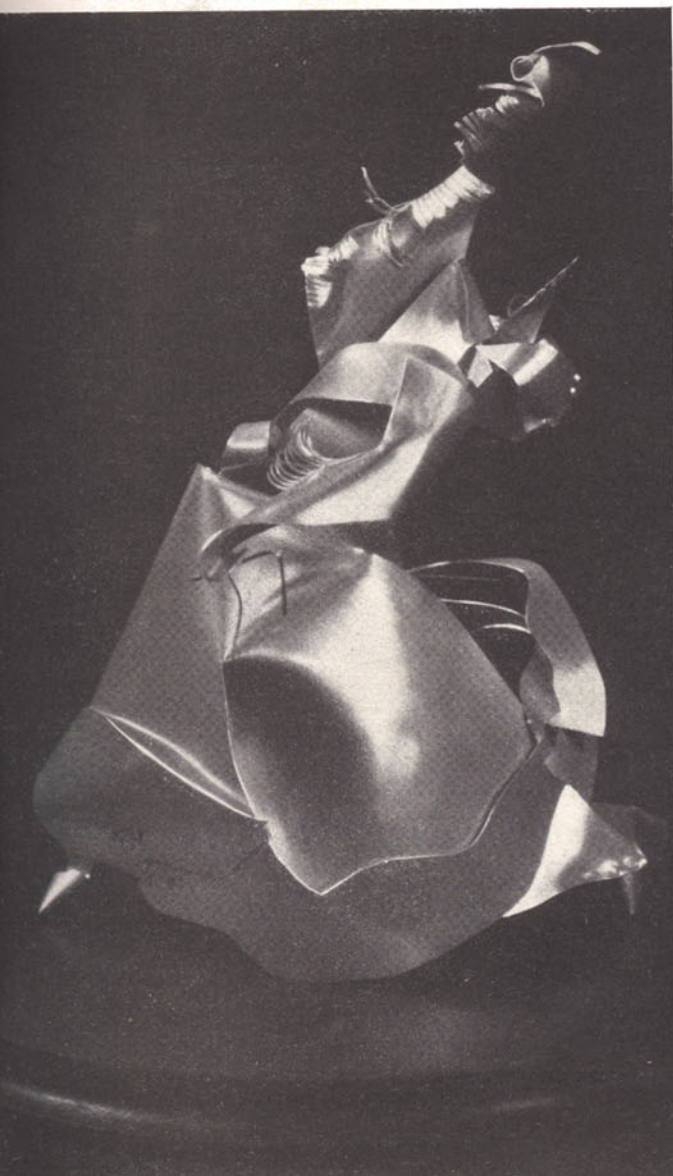
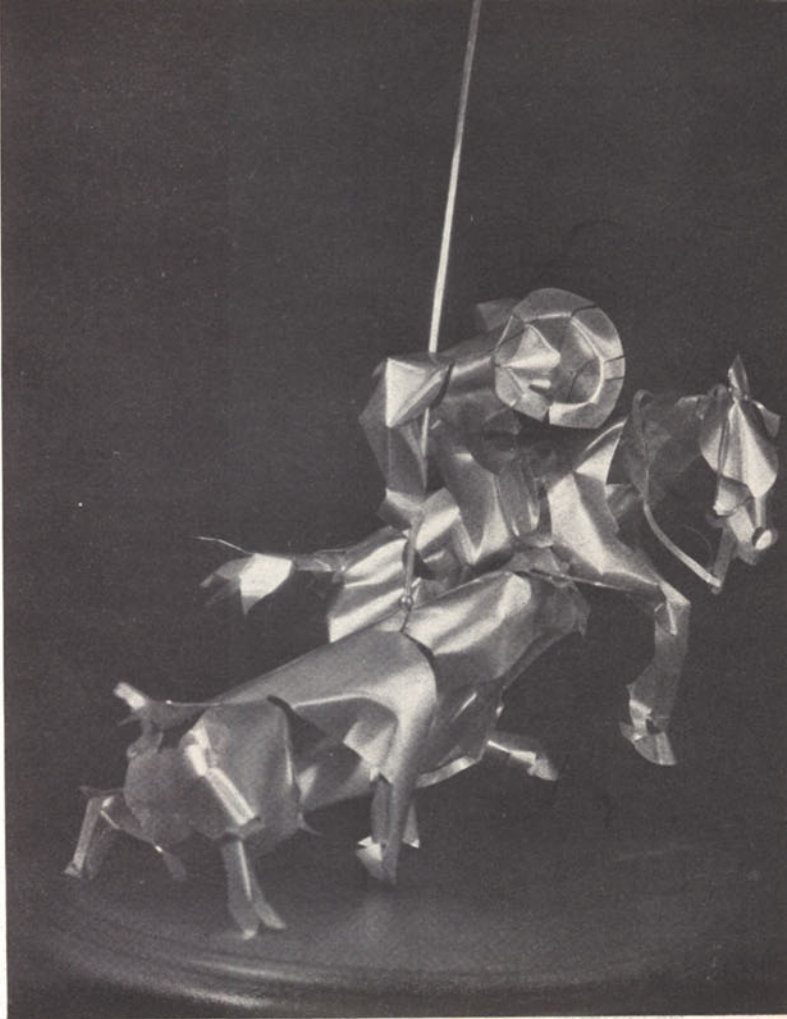


AO SR. DR. BEIRÃO DA VEIGA — Como preito de homenagem ao seu devotado interesse pelo desenvolvimento do ensino técnico profissional foi oferecido ao sr. dr. Beirão da Veiga um banquete que se realizou há dias no «Maxim's», que reuniu cento e tantos professores de todas as escolas comerciais e de ensino técnico de Lisboa e da provincia. Presidiu o sr. engenheiro D. Cobre Guedes, director geral do Ensino Técnico. A festa decorreu num grande ambiente de confraternização tendo sido elogiadas as qualidades intelectuais e de carácter do homenageado

As esculturas em prata de Delfim Maya

Há três semanas que o público estaciona em massa ante as montras da Joalheria Leitão e admira com invulgar interesse as originais esculturas em prata que representam figuras e animais — picadores e toureiros, varinas e bailarinas, touros, cavalos, cães, gatos e tigres, tudo com graça, movimento e expressão própria. O processo é novo entre nós — mesmo lá fóra, que saibamos — e o original artista chama-se Delfim Maya e merece a nossa admiração. Antigo oficial do exército e cavaleiro famoso, começou Delfim Maya por desenhar aspectos de concursos hípicas — cavaleiros e cavalos, em saltos ágeis, em corrida animada, certos os movimentos e certa a anatomia. Dominando os segredos do hipismo e conhecendo bem os do toureio, desenhou Delfim Maya cartazes tauromáquicos que surpreenderam, pela sua verdade e originalidade, os próprios espanhóis, mestres no desenho de aspectos tauromáquicos, com touros e cavalos.

António Canero, grande amigo de Delfim Maya, deve a este artista português o melhor cartaz da sua arte, tão nova como a do seu amigo pintor. E quando Delfim Maya se resolveu a fazer em Lisboa a sua primeira exposição de desenhos e esculturas, foi António Canero o primeiro interessado em adquirir barros, que reproduziam aspectos do seu toureio e revelavam



a nova faceta do artista português. Foi esta faceta — a escultura máscula e vibrante de touros e cavalos — que deu a Delfim Maya o seu segundo êxito internacional. Depois de ter triunfado em Espanha, resolveu expôr em Paris os seus primeiros bronzes e, sem pedidos nem apresentações, viu um deles admitido no "Salon" e elogiado na imprensa francesa.

Agora surge Delfim Maya com o novo processo que o público consagrou antes que a crítica, estacionando em massa ante a joalheria, que pôs as suas oficinas e as suas montras à disposição da arte original do originalíssimo artista, e é bem digno de especial referência este acolhimento, dado pelos acreditados joalheiros, como primeira e desinteressada consagração da obra de Delfim Maya.

Cortando com certa tesoura as lâminas de prata, e dando-lhe jeito com suas mágicas mãos, dá-nos em modernismo, e com magnífica verdade, figuras e grupos de excelente arte e de grande sentido decorativo, obras prodigiosas que pronto desaparecerão das montras, se é que em Portugal ainda há pessoas de gôsto que saibam bem empregar o seu dinheiro.

Sem preocupações de fazer crítica de arte, posso, porém, dirigir-me aos "aficionados" para lhes afirmar que os touros e os toureiros de Delfim Maya igualam em verdade as esculturas de Benliure e, na sua nova modalidade da lâmina recortada, não creio que haja em todo o mundo quem ainda tivesse igualado o modernista português, que o público acaba de consagrar em sincera e espontânea apoteose, que não têm a movê-la o elogio vulgar nem o réclamo banal. Resolva-se Delfim Maya a ir a Londres, como já foi a Paris, e os bons colecionadores ingleses disputarão os seus cavalos e os seus touros, como disputaram os "apuntes" de Ricardo Marin, gravados em prata, na mesma prata que o nosso patrício utiliza em lâminas, dando-lhe expressão, movimento e verdade, com originalidade, com modernismo.

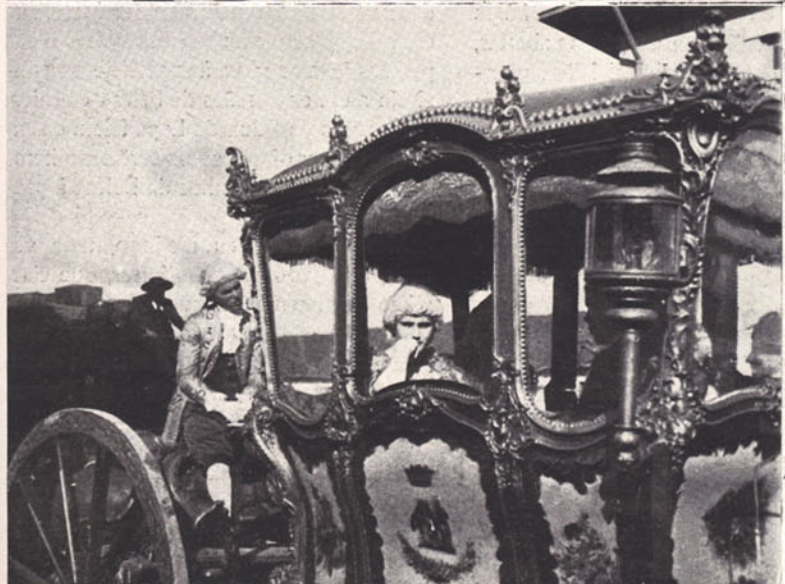
Rogério Pérez.

(Fotos Horácio Novais)

O Cortejo Histórico de Viaturas organizado pela Câmara Municipal

constituiu
uma brilhante evocação
dos veículos
de todos os tempos





O grande acontecimento citadino desta quinzena foi, sem dúvida, o Cortejo Histórico de Viaturas, organizado pela Câmara Municipal de Lisboa, por iniciativa do vereador sr. Luiz Pastor de Macedo, que teve como colaborador — na parte artística — o conhecido homem de cinema sr. Leitão de Barros. Constituiu — sem sombra de elogio o dizemos — um espectáculo inédito, colorido e cheio de movimento. Pode mesmo ser considerado como uma lição de História. Mais de meia Lisboa deixou as suas casas para assistir ao interessante e evocador desfile. Conseguiu-se agrupar um grande número de curiosas viaturas, desde o palanquim do século XVI — conduzido por quatro homens e em que o passageiro ia deitado sobre uma pele — às liteiras, às cadeirinhas, às berlindas do século XVIII, às caleças Império, à mala-posta e «mail-coach» do século passado e às vitória's, landaus e coupés, carros de caça dos nossos dias e até ao automóvel primitivo de há trinta anos e aos modelos da época presente. Fechava ainda o cortejo: bicicletas, motos e automóveis. Pelas gravuras publicadas, nestas duas páginas, o leitor pode fazer uma ideia — embora pálida — do que foi o Cortejo Histórico das Viaturas. O desfile foi presenciado pelo Chefe do Estado, membros do Governo e Corpo Diplomático, vereadores da Câmara e altos funcionários.

EDUARDA LAPA

a pintora das rosas

EMBORA com surpresa dos meus leitores, quero declarar que, em três dias seguidos, passei justamente três vezes por diante dos quadros que a pintora Eduarda Lapa apresentou na Sociedade de Belas Artes.

Mas não é difícil justificar, desde já, como nestes últimos dias de inverno, enroucados de tanta melancolia, nos sentimentos demorada e encantadoramente enamorados dessas telas, cheias de luz, de vida e de perfume, que pareciam resumir uma grande e invulgar apoteose à Primavera.

Foi logo da primeira vez, deixando na rua um comêço de tarde húmida, coberta de róllos de nevoeiro, que eu fui colher, dentro do salão onde a pintora Eduarda Lapa apresentava os seus trabalhos, a emoção rara e agradável de me ter adiantado algumas semanas no calendário...

A Primavera estava ali, na minha frente, em quadros floridos, isto é, em incomparáveis retalhos de um belo e desconhecido jardim.

Na verdade, ninguém, ou artista nenhum dos que existem, e eu conheço,

tem como Eduarda Lapa o definitivo poder de interpretar "as meninas dos canteiros", essas princesinhas de pétalas, que amam a luz e as aves, com sonhos e desilusões como qualquer mortal romântico...

Ao voltar à exposição desta ilustre artista, vi então a vida, se assim se pode dizer, das suas rosas maravilhosas. Que grande domínio da arte de expressar tem Eduarda Lapa! Os seus pincéis são como outros rivais da natureza. Cada flôr um milagre, um milagre de arte bem humana, que dá a beleza curta dos jardins na beleza eterna de uma obra de arte.

Há rosas de sol prisioneiras das flôres de Eduarda Lapa; muitas pétalas abertas, como bôcas rubras e insatisfeitas, guardam segredos da

noite e da terra; e outras rosas, as pequeninas, como grupos de crianças, parecem sorrir e sonhar com a história de uma viagem luarenta.

Da terceira vez, ainda apaixonado por êsses quadros risonhos e optimistas, atentei, porém, com maior curiosidade, noutros trabalhos da artista, designadamente nas figuras, que fôram trabalhadas, sobretudo, com muita profundidade psicológica.

Assim se prova, acima das admirações relativas pela obra desta senhora

de excepcional temperamento artístico, que ela sabe penetrar a alma das coisas e das pessoas, chamando-a à superfície e traduzindo-a em expressões de beleza emotiva.

As rosas de Eduarda Lapa falam e sentem, vivem e sofrem, como certas mulheres que vão pelos caminhos da Beleza à procura do Amôr.

Mesmo assim, eu distingo, uma vez mais, o mundo das suas flores, que classifico justamente de mundo maravilhoso e desconhecido, ante o qual bem apetece ficar em perpétua admiração, como apetece sempre ficar dentro da Primavera.

Guedes de Amorim.



A pintora Eduarda Lapa



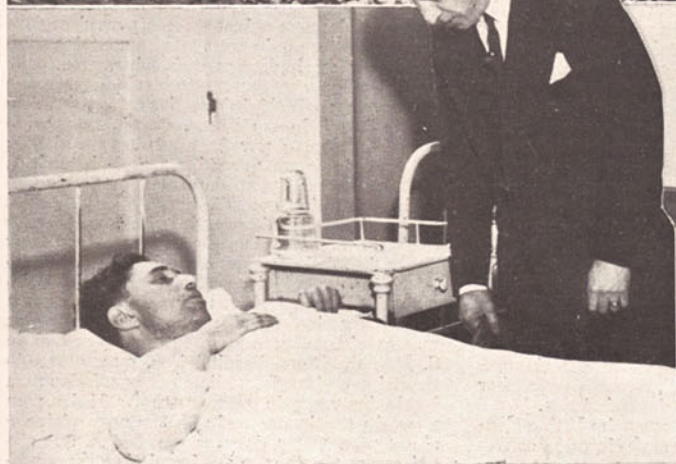
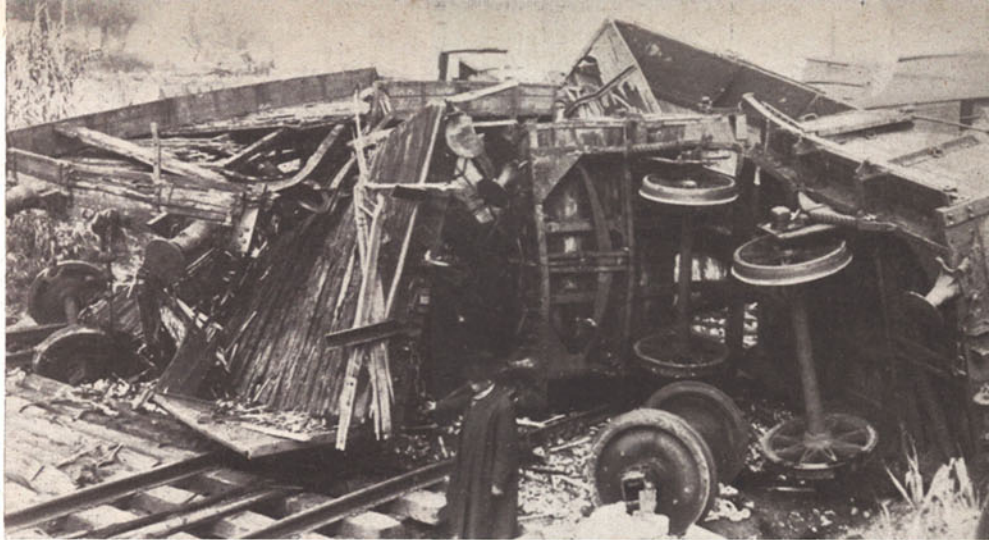
Os quadros «Flores» e «Camponês», expostos nas Belas Artes



OS ACONTECIMENTOS

O DESCARRILAMENTO DA PÓVOA DE SANTA IRIA

O maior acontecimento da falhada greve geral revolucionária foi o descarrilamento dum combóio de mercadorias, entre o apeadeiro de Santa Iria e a estação da Póvoa. O atentado deixou em estado grave o guarda-freio Luiz dos Santos Nabais — que na fotografia se vê falando ao sr. ministro do interior, que o foi visitar ao hospital. O pobre trabalhador que ia a meio da composição do combóio, ficou entalado nos destroços e sofreu contusões no ventre e nas pernas.



O descarrilamento foi preparado sobre um pequeno viaduto, tendo sido levantado um carril do lado interior da linha ascendente. A máquina e o furgão foram enterrados na brita, depois de terem galgado aos saltos alguns metros do percurso. Dos 52 vagons, de que se compunha o combóio, ficaram destruídos, ou seriamente avariados 23, computando-se nalgumas centenas de contos os prejuizos. O aspecto que alguns deles ofereciam, encavalitados uns nos outros, nas formas mais caprichosas, era singular.



D. Maria I
(Quadro existente no Museu de Arte Antiga, Lisboa)

FALAR da Casa Pia, é falar de Pina Manique, seu animador.

O desembargador Diogo Inácio de Pina Manique, superintendente geral dos contrabandos, foi nomeado intendente geral da Polícia por decreto de 18 de Janeiro de 1780. A Rainha ampliou as atribuições e prerrogativas desse lugar e confiava-o, por morte do segundo intendente Manuel Gonçalves de Miranda, a uma criatura que se evidenciara simpatizante no reinado de D. José, mas em quem a soberana desconfiava preciosas qualidades para o espinhoso cargo que lhe era agora confiado. E, assim, é que o executor do incêndio da Trafaria e de outras violências do governo pombalino, foi, no reinado de D. Maria I, uma grande figura de homem de Estado a quem se devem muitos dos grandes progressos daquele tempo. Eram tantos os contemporâneos como os historiôgrafos mais modernos que pretendem ver em Manique um discípulo, um imitador de Pombal. O autor da *Crônica de D. Maria I* deixou dele um retrato pouco favorável. O padre Garnier chama-lhe «singue em petit da fameux marquis»; e no entanto as depreciações são injustas, como as comparações descabidas. A obra de Manique é a obra que ele realizou no governo da Rainha, porque no reinado anterior não havia senão uma iniciativa e uma responsabilidade que eram de Carvalho. Durante a administração deste ministro, Manique foi apenas um seu subordinado. Agora, que, de facto, existia uma certa descentralização, uma distribuição de funções manifesta, os actos do severo intendente são totalmente diversos dos que ele havia executado antes. Desde a iluminação pública ao povoamento do Alentejo, desde a repressão da vadiagem à distribuição gratuita de batatas e linho pelas populações rurais, desde a construção de estradas e chafarizes à repressão da propaganda das ideias libérrimas, Pina Manique revela-se um administrador persistente, previdente e metódico, inovador mas profundamente português, e principalmente um amigo, um protector do povo. Não terão sido bem diferentes destas as directivas da obra de Pombal?

Pois a Manique primordialmente se deve esse monumento grandioso que foi a Casa Pia nos fins do século XVIII.

Lisboa era, nesse tempo, uma cidade infestada por vândios, mulheres perdidas, frades devotos, soldados indisciplinados, ladrões de toda a espécie, que a tornavam intransitável de noite, teatro de cenas vergonhosas. Vários estrangeiros que se estavam então em Portugal registam,

assombrados, o atraso em que Lisboa se achava em relação às outras capitais da Europa, o perigo que representava para qualquer cidadão pacífico abalançar-se a sair de noite, e os crimes que quasi diariamente por aí se cometiam e ficavam na maior parte impunes.

Ora a Manique foi cometido o encargo de transformar Lisboa, entro de vagabundagem e assalto, numa cidade transitável, civilizada, moderna. Para realizar esse objectivo, usou de meios preventivos e repressivos. Pertence a esta última categoria a instituição dum corpo de policia regular; pode-se considerar fazendo parte das duas o grande melhoramento da iluminação das ruas e praças da capital; figura na primeira a fundação da Real Casa Pia.

O seu núcleo primitivo, instalado do Castelo de S. Jorge em 1780, destinava-se a recolher as crianças abandonadas nas ruas de Lisboa, ou que os pais não podiam sustentar, ou ainda em manifesto perigo moral. Com a protecção do governo, e particularmente da Rainha que frequentes vezes visitou a Casa Pia, esta instituição foi alargando consecutivamente as suas proporções até que entre 1790 e 1804 atingiu o seu máximo desenvolvimento, em condições tão admiráveis que hoje chegam a ser difíceis de conceber.

A Casa Pia era a um tempo creche, escola, casa de correcção, colégio de vários officios, de ciências, de letras, de linguas economica, e ainda repartição de socorros de vária ordem. «Era simultaneamente penitenciária, escola e manufatura. Tinha por destino redimir as pessoas degradadas pelo vicio, ou salvar da perdição as indigentes. Era a escola de linguas objecto, mas a caridade productiva, que da esmola do pão ou da doutrina, como de semente fecundissima, aspirava a tirar centuplicados os frutos sociais, dando ao Estado um vassallo intelligente, honesto, servicial por cada um dos que detinha e amparava já presta a despenhar-se. Assim como os estudos de D. Diniz, restaurados e engrandecidos pelo marquês de Pombal, eram a escola das classes privilegiadas, burguesas ou fidalgas, a Casa Pia era a universidade plebeia, a nova academia dos proletários. Não era apenas com a casa de correcção fundada no Arsenal de Marinha pelo ministro de D. José, uma simples officina penal, antes era um instituto, onde o ensino nas suas diversas formas e a acção moral da educação mais curavam de afeição bons cidadãos que de sequestrar os criminosos ao contacto da sociedade».

~ É feliz esta síntese do insuspeito Latino Coelho e mostra-nos como eram elevados os fins

A história do reinado de D. Maria I, que se podia dizer altamente estava quasi por fazer, salvo o que della escreveu esse escritor brilhante que se chamava António Sardinha, teve agora o seu verdadeiro arauto em Caetano Beirão, que com um trabalho de investigação honesto e vigoroso, nos deu um volume, intitulado «D. Maria I, onde todas as pessoas que se interessam pelo que de mais notável se passou no tempo da filha de D. José encontram vasto repostório para estudo. Dessa obra valiosissima, onde há documentos inéditos e se revelam novos aspectos dum reinado pouco conhecido — e que tem sido considerado pela critica litteraria como o melhor estudo historico publicado, nos últimos anos, em Portugal — extraímos o capitulo referente à Casa Pia, estabelecimento de ensino inspirado por D. Maria I e organizado por Pina Manique. São paginas que ficam bem dentro desta revista, pois prestam homenagem a quem as escreveu e à modelar instituição referida.

que a Casa Pia visava. Era bem uma «universidade plebeia», uma «academia do proletariado». A Casa Pia compunha-se de casas de correcção para ambos os sexos. Quando os internados em Lisboa se corrigiam, passavam para casas onde aprendiam as obrigações de católicos romanos as civis e a sair de noite, e os crimes que quasi diariamente por aí se cometiam e ficavam na maior parte impunes.

NO REINADO DE D. MARIA I a fundação deve-se a Pina Manique DA CIDADE

Estas eram as instalações para crianças; mas a Casa Pia compreendia também escolas superiores, a sabicoz, um colégio onde se ensinava a lingua alemã e a escriptura mercantil; o colégio de S. Lucas, para cultivo das ciências, cujos alunos frequentavam as aulas de farmácia, desenho, gramática latina, anatomia especulativa, inglês, francês, e princípios de navegação. E conforme as vocações dos estudantes, uns iam para a Academia de Marinha, outros para o comércio, outros seguiam os cursos práticos de cirurgia no Hospital de S. José, e ainda outros iam aprender filosofia e grego com professores régios. Mais: uma aula de partos, para cirurgiões e parteiras, com instrumentos e modelos mandados vir de Inglaterra e da Dinamarca, onde se faziam operações grante os alunos de um e outro sexo; o colégio de belas artes primitivamente instalado em Roma, depois transferido para Florença, e por fim mudado para Lisboa; um colégio «para aprender a arte obstétrica», na Dinamarca; outros da mesma arte e de medicina cirúrgica em Edimburgo e Londres, dos quais saíam cirurgiões muito distintos, dos dois quais foram mestres na Casa Pia; uma academia de nu, instalada nas casas contiguas a S. Camillo de Selis; um colégio em Coimbra para ciências naturais, do qual alguns alunos se doutoraram em matematica, filosofia e medicina; outro, na mesma cidade, para os religiosos da ordem de S. João de Deus, hospitaleiros, que, cursando medicina e cirurgia, podiam ser mandados para bordo dos vasos de guerra, para as colónias, para vilas do continente onde fossem necessários, e ainda para tratar doentes em Lisboa que não nisessem recolher-se aos hospitais. «Estes professores — diz o officio do intendente da policia para o marquês morlomo-mór, do qual extrairmos esta preciosa enumeração — como não têm distrações, serão assidos nas enfermarias, repetirão as suas conferências, e unindo à especulação a experiência, farão admiráveis progressos em beneficio dos seus estudantes».

Mas há mais. A Casa Pia tinha officinas onde se ensinava a fazer «lonas, brins, cabos de labor, tecidos de algodão e seda, meias, panos de linho, e fiações para todas as manufaturas». Haviam-se mandado vir expressamente alguns mestres de Inglaterra. Em 1785, os produtos manufacturados nas officinas da Casa Pia representavam um valor de 43.600.000 réis.

Quando se manifestava qualquer epidemia em villa ou lugar do reino, a Casa Pia mandava logo gratuitamente medicos, remedios, alimentos e roupa, na proporção em que fosse necessario. Dava 122 rações diarias, com carne ou peixe, arroz, pão e legumes, a pessoas que, tendo servido no exercito, nas artes ou nas manufacturas, se encontravam impossibilitadas de continuar a trabalhar. Por uma vez, foram distribuidas quatro mil duzentas e vinte esmolas de 200 réis e sor-

DE D. MARIA I da Casa Pia o grande transformador DE LISBOA

partido para assistir em diligencias aos indigentes, Casava a Santa Isabel teve recolhidas 220 orfãs, e o de Santo António, 190.

Chegou a Casa Pia a ter um estabelecimento de correcção para mendigos que exploravam a caridade, fingindo-se aleijados ou ferindo o corpo com castigos. Muitos d'elles foram mandados assentar praça em diferentes regimentos da corte. Havia um, muito conhecido que, estrepado e cheio de chagas, costumava frequentar os lausperenes. Protegia-o a marquesa de Ponte de Lima que lhe mandou arbitrar uma diátria que elle devia repartir com outros pobres. Manique, por não desconfiando do mendigo, mandou-o agarrar, certificou-se do embuste das feridas e dos aleijões, e fê-lo assentar praça no regimento chamado de Lisboa, de que era então coronel D. Francisco de Noronha. Passado tempo, o intendente mandou-o apresentar-se aos marqueses de Ponte de Lima, para verem que a Casa Pia tinha atado o dom de fazer milagres, remediando aleijões e curando chagas inveteradas!

Foi colaborador de Manique na organização da Casa Pia o illustre geometa José Anastácio da Cunha a quem se confiou o cargo de regente dos estudos e professor substituto das ciências matematicas. Noutros lugares de professores collocara o intendente as melhores competências do tempo, dando assim logo desde o começo grande esplendor aos estudos naquela instituição. «A química, com as suas applicações à metalurgia, à agricultura, à tinturaria e à farmácia, era ensinada pelo doutor Manuel Joaquim Henriques de Paiva. O coronel Francisco Ferrer professava a artilheria e a fortificação. O official artilheiro Custódio Gomes de Vilas Boas, o tradutor do *Curso matematico* de Bezout, ensinava a astronomia. O ensino da optica estava cometido a um distincto officio, que depois foi lente na Academia de Fortificação, Vicente António de Oliveira.

É claro que com um corpo docente assim constituído e em constante desenvolvimento, a Casa Pia enriqueceu os vários ramos de cultura e de admin stração com nomes que illustraram os estudos portugueses. Em 1805, es-

«o Fundação da Casa Pia»
(Quadro de Domingos de Sequeira existente no Museu de Arte Antiga, de Lisboa)

teados 40 dotes de 60\$000 réis em beneficio das orfãs educadas nos seus estabelecimentos. Distribuía medicamentos a todos os pobres que apresentassem ateados dos párocos ou dos medicos assistentes, e sustentou e engronhadas. Vestia muitas crianças e tinha medicos de deo capelo gratuito. Do colégio de Belas Artes, em Roma, saíram o grande Domingos de Sequeira, Francisco Vieira Salvador, o *Vieira portuense*, Manuel Dias, e João José de Aguiar, reputado um dos grandes escultores da Europa naquela época.

Eis, a traços largos, o que foi a Real Casa Pia de Lisboa, nos tempos florescentes da Rainha D. Maria I e do seu glorioso fundador. Uma instituição admirável, única talvez no género, criada em beneficio do povo, para gloria de Portugal e daqueles que têm o seu nome ligado a ella.

A Casa Pia sustentava-se das suas próprias industrias, dos beneficios dos teatros e praças de toiros, das esmolas que lhe davam, dos legados que lhe deixavam, e das licenças que as tabernas e botecoiz eram obrigados a tirar para ter porta aberta fóra de horas, e as lojas de jogos publicos permitidas, tais como o bilhar, a bola, o chinquillo, a laranja, etc. Em 1804, houve uma grande subida no preço dos géneros de primeira e segunda necessidade, que foi até cem e duzentos por cento. Os donativos deminuiram. A Casa Pia viu-se em grandes apuros. Com a criação da Cordoaria da Junqueira, aumentaram as dificuldades porque lhes tirou os mestres do fabrico de lonas, brins e tecidos de algodão. Foi necessario extinguir os colégios de Roma, Londres e Edimburgo.

A demissão de Pina Manique, fomentada pela Maçonaria e imposta afrontosamente por Lannes, foi a morte da Casa Pia. Sucedeu-lhe no lugar de Intendente Geral da Policia Lucas de Seabra da Silva, mação, que nos apparece conluado com as hostes napoleónicas. Logo no ano em que tomou posse do cargo, extinguiu o colégio da *brás*, em Coimbra, que era mantido pelo cofre da repartição da policia (officio de 2 de Setembro de 1805), e embora continuassem ainda sustentados por esse cofre 22 alunos de medicina.



Diogo Inácio de Pina Manique
Intendente Geral da Policia da Corte e Reino, a quem se deve a organização da Casa Pia

Por fim, Junot mandou evacuar as casas do castello de S. Jorge para nelas acomodar tropas francezas, e Lucas de Seabra, seu lacão, «nem uma dúvida teve em descarregar barbaramente contra aquelle estabelecimento os internados orfãos que contra elle nutria, abrindo na ominosa noite de 3 de Novembro de 1807 as portas dele a mais de 600 pessoas de um e outro sexo, que nêle existiam, dispersando-se tão incoz, como immoralmente pela capital, pois muitas houve que não tinham familia, nem casa que as recolhesse, sendo depois alguns d'estes desamparados mandados para vários seminários, dando-se-lhes uma módica prestação».

Assim nos conta indignadamente Soriano como acabou a Casa Pia de Lisboa, por um acto de traição do sucessor de Manique, o qual já tinha traído a Pátria, a favor de Bonaparte.

A Casa Pia reapareceu mais tarde. Mas uma sombra do que foi nos tempos de Pina Manique e de José Anastácio da Cunha.

Caetano Beirão.





EM PLENO CORAÇÃO DE PORTUGAL

JÁ SE PODEM PRATICAR DESPORTOS DE INVERNO

E contudo, a poucas horas de viagem de Lisboa, vastas extensões nevadas se oferecem ao amador dos desportos da altitude. A natureza reuniu aí, num cenário de surpreendente beleza, todos os encantos e seduções que a neve nos oferece.

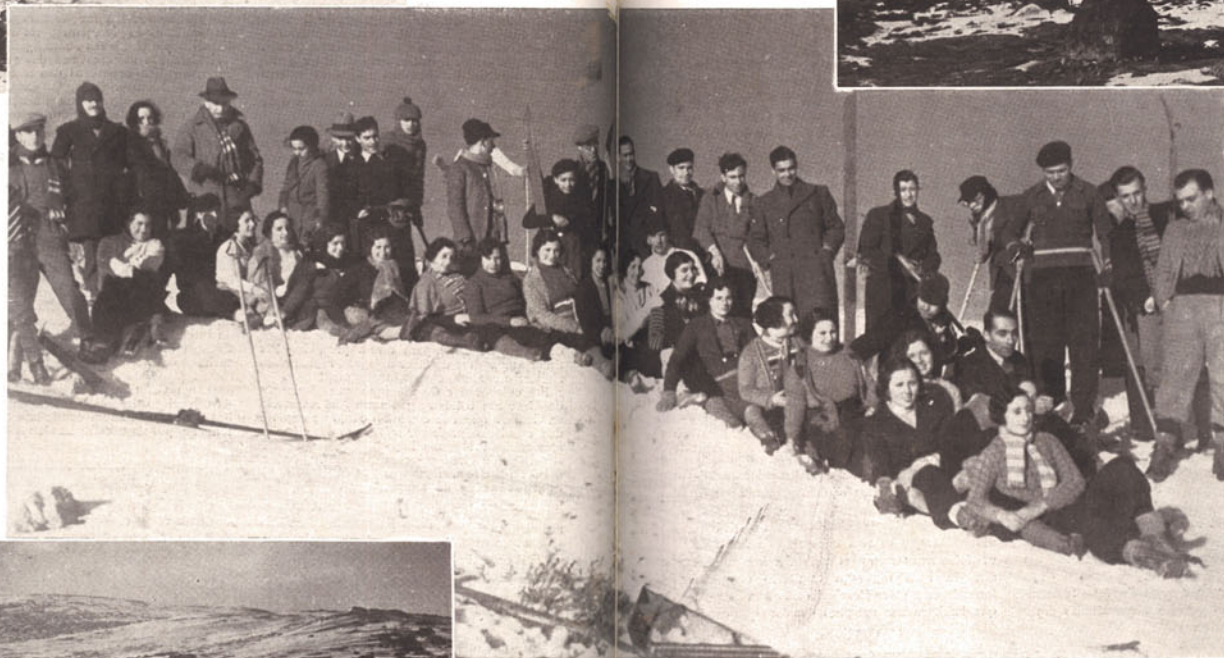
É a Serra da Estrela, pela sua altitude e especiais disposições, o centro consagrado para a pratica dos desportos de inverno do nosso país. Para o impor e para



Há poucos anos ainda, os chamados desportos de inverno eram totalmente desconhecidos em Portugal. Habitados a um sol tépido, a um clima excepcionalmente temperado, os portugueses quasi ignoravam esses salutareos exercicios que se desenvolvem sobre o fundo alvissimo da neve. E a poucos occorrera, decerto, a ideia de que seria possivel praticá-los no nosso país.

A neve! Quantos habitantes das regiões privilegiadas do nosso litoral não desconhecem em absoluto a existencia da neve? Para muitos ela é apenas motivo ornamental figurado por pedaços de algodão em rama suspensos das árvores de natal. Ou motivo de paisagem em postais de boas festas.

Para o habitante de Lisboa, em especial, a neve é um mistério tentador. Uma enorme maioria da população conhece-a apenas através da fotografia ou do cinema. No clima benigno da nossa capital, um nevão é fenomeno rarissimo que só de muito em muitos anos se produz. E mesmo nesses casos, quando o lisboeta preguiçoso e sonolento assoma aos vidros embaciados da janela, já sol vivo liquefaz a débil camada branca que cobria os telhados vizinhos.



Mas em breve venem essas resistencias iniciais. Aprendido o equilibrio facil sobre o skis nada mais tem de fazer do que deixar-se deslizar a velocidades vertiginosas pela encosta, sentindo açoiar-lhe o rosto o ar vivo das altitudes.

Acrescente-se ainda a sedução da fotografia. De facto, a neve representa, a um tempo, o paraíso e o inferno dos fotógrafos. Para-i porque a superficie nevada onde os skis marcam as suas caprichosas evoluções oferece ao fotógrafo tema inesgotável de bellissimas imagens. Inferno porque a reverberação da luz sobre o solo branco lhes cria dificuldades que poucos sabem superar.

Por todas estas razões, a neve é ainda um dos motivos mais do agrado dos grandes artistas da fotografia. Horácio Novais, que vive a sua época e que, como tantos outros, foi seduzido pela voga crescente do sky, realizou na sua recente passagem pela Serra da Estrela as fotografias que ilustram estas páginas e em que a sua arte se evidencia. Elas constituem, na sua expressiva beleza, a mais eloquente propaganda que pode ser feita em favor da divulgação dos desportos de inverno.



suscitar entre nós a atracção da neve, conjugaram-se alguns esforços que, sob a designação de Ski Club de Portugal, vêm realizando uma notável obra de propaganda.

O numero de adeptos dos desportos da neve é já grande entre nós, se atendermos a que é ainda recente a sua introdução em Portugal. Mas verifica-se tambem com prazer que esse numero tende a aumentar de ano para ano.

Para avaliar o encanto particular da neve, basta uma pequena excursão sobre o vasto lençol alvo. Nos primeiros momentos, o principiante luta com algumas dificuldades.





Nas margens poéticas do lago escocês conhecido por Loch Ness começaram a registrar-se há tempo aparições misteriosas que suscitaram em todo o mundo um vivo sentimento de curiosidade.

As primeiras notícias foram acolhidas com ceticismo. Mas os testemunhos acumulavam-se e a breve trecho a opinião pública inglesa interessava-se pelo assunto. Os grandes jornais ingleses como o «Daily Mail» e o «Daily Express» enviaram delegados seus às margens do lago, com a missão de esclarecer o mistério. O próprio «Times», órgão de veneráveis tradições, deu guarida nas suas colunas aos relatos de pessoas que pretendiam ter presenciado essas aparições. Por fim, o facto assumiu foros de acontecimento internacional e um jornal francês, o «Matin», fez-se representar, entre os jornalistas agrupados em volta de Loch Ness, por um enviado especial.

Loch Ness é um lago extensíssimo que quase divide a Escóssia em duas partes. Tem uma configuração alongada, por isso que mede apenas quatro quilómetros de largura e cerca de vinte de comprimento. Comunica com o Oceano por um pequeno ribeiro que vem desaguar em frente de Avoch.

No que se refere ao relevo do seu fundo, pouco se sabe. Em quase toda a margem o declive é rápido. Nalguns pontos a sonda desce a 250 metros. As águas do lago contêm além disso, sais de ferro e turfa em suspensão. São, portanto, sombrias o que juntamente com o carácter muito acidentado do solo, torna praticamente impossível qualquer exploração por meio de escafandros.

As aparições a que os jornais se referiram parecem dever levar à conclusão de que este lago é habitado por um animal de grandes proporções e invulgar aspecto. As mais variadas hipóteses se suscitaram a este respeito. Infelizmente, nenhum testemunho irrefutável da existência do misterioso animal pôde até hoje ser recolhido. Algumas pégadas descobertas pelo explorador e caçador de feras Wetherell foram, segundo se julga, produto duma grossieira mistificação. De facto, os sábios do Museu de Londres reconheceram essas pégadas como sendo devidas à pata embalsamada dum hipopótamo.

Entretanto, o número de pessoas dignas de crédito que testemunharam aparições do monstro é tão considerável que forçoso se torna admitir a existência dum facto inexplicável, a menos que se pretenda ver com tudo isto um caso de alucinação colectiva.

A verdade, porém, é que todos estes testemunhos apresentam grandes discordâncias entre si. Mas se abstrairmos disso, fica-nos ainda a convicção de que alguma coisa existe que não é possível explicar completamente.

Não tem conta as hipóteses formuladas sobre a identidade do suposto monstro. Entre os que negam a sua existência há quem

A' esquerda — Algumas expressões características do elefante do mar

A' direita — Uma aparição presenciada de bordo do «Valhalla»

O mistério AS APARIÇÕES vêm evocar a fábula Poderá um monstro prehistórico

afirme que as aparições foram provocadas por um tronco de água, vogando ao sabor das correntes. Um sábio emitiu a hipótese de se tratar duma enorme massa de turfa desprendida do fundo do lago. As variações da temperatura fariam variar o peso específico desse bloco que poderia assim emergir de tempos a tempos à superfície do lago.

Outros, porém, persistem em crer na existência dum animal. E estes acham-se divididos em dois grandes grupos: os que o classificam entre as espécies conhecidas e os que vêem nele o exemplar duma raça desconhecida ou desaparecida.

A primeira hipótese nenhum interesse tem para a ciência. A averiguar-se, de facto, que o monstro não passava duma foca barbada, dum elefante do mar ou dum crocodilo, o acontecimento entraria no domínio das curiosidades.

É o contrário, porém, que sucede se se vier a demonstrar que Loch Ness habitado por um animal misterioso, diverso de quantos a ciência classificou até hoje ou pertencente a uma espécie extinta, das que há milhões de anos povoaram a face da terra. Nesse caso, qualquer descoberta revestiria excepcional importância.

Foi pois neste sentido que se orientou a maioria das hipóteses. Ao mesmo tempo que alguns pretendiam ver nas aparições um monstro prehistórico outros faziam reviver a lenda da «serpente do mar».

Na opinião dos primeiros o monstro poderia pertencer a uma das três espécies paleontológicas mais conhecidas: *diplodocus*, *pleisiosaurus* e *ichthyosaurus*.

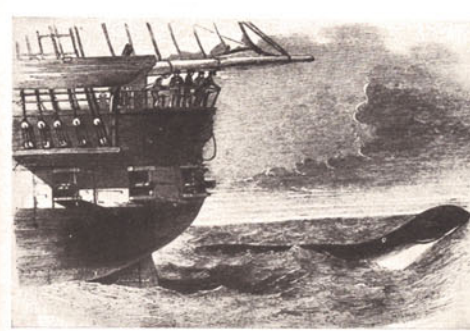
O primeiro destes animais era um réptil herbívoro de que se tem encontrado numerosos vestígios nos terrenos cretácios. Existe no Museu de Pittsburgo um esqueleto completo formado com ossos fósseis descobertos. Sabe-se que habitava nas margens das lagoas e cami-



dum lago DE LOCH NESS da serpente do mar ter subsistido até os nossos dias?

nhava por terra ou nadava em águas pouco profundas. Tinha pescoço curto que terminava por uma cabeça de dimensões muito reduzidas. É interessante notar que esta característica aparece reproduzida em numerosos relatos das pessoas que viram o monstro.

O *pleisiosaurus* era um animal marinho da época secundária que media entre 3 e 5 me-



Serpente do mar vista de bordo da fragata britânica «Dedalos»

tros de comprimento. Tinha uma cabeça semelhante à do lagarto e um pescoço muito comprido. O corpo era coberto por uma espessa couraça.

Finalmente, o *ichthyosaurus* estabelecia a transição entre os reptis e os peixes. As suas mandíbulas estavam guarnecidas por muitos dentes, que chegavam a mais de 200, o que demonstra que eram carnívoros.

Ora não sendo o fundo de Loch Ness bem conhecido, admite-se que na base das colinas que rodeiam o lago se achem escavadas cavernas submarinas de grandes dimensões. Nessas cavernas poderiam ter sido preservados de destruição, mercê de circunstâncias ainda não esclarecidas, alguns exemplares duma espécie pre-histórica.

Será o monstro de Loch Ness um descendente desses animais? A hipótese é improvável.

Mas é curioso notar que todas as aparições são posteriores ao início do trabalho de exploração da linha férrea que bordeja o lago e no qual foram empregadas grandes explosões de dinamite. Admite-se que o abalo provocado por essas explosões tivesse ido despertar o monstro nos recessos onde até então vivera.

Por outro lado, voltou a ser evocada a fabulosa «serpente do mar». Formulou-se a hipótese de que o monstro poderia ser um desses misteriosos animais que muitos naturalistas acreditam existir nas profundezas do Oceano e que num momento de capricho resolvesse penetrar nas águas tranquilas do lago escocês, quer remontando o curso da ribeira por onde ele comunica com o mar, quer utilizando alguma passagem submarina cuja existência nada tem de impossível.

Sobre a realidade da serpente do mar pouco se sabe de positivo embora se pudesse compor um tratado volumoso com tudo o que a esse respeito se tem escrito. A crença num gigantesco habitante das águas perde-se na noite dos tempos. A própria Bíblia a ele faz referência em diversas passagens. Na mitologia nórdica, encontra-se um monstro marinho que infundia terror entre os navegantes e que ninguém pudera jamais capturar ou matar. Pretendia-se que a sua aparição era preságio de fatalidades.

As lendas da civilização babilónica relatam, por sua vez, a luta que o deus Marduk sustentou contra o terrível monstro marinho Tiamtu. Muitos escritores da antiguidade, como Tito Lívio, Seneca e Plínio fazem referência a monstros marinhos nas suas obras. Mas a primeira descrição pormenorizada deve-se a Olaus Magnus, célebre geógrafo do século XVI que publicou em Roma, em 1555, o livro «De gentibus septentrionalibus» onde relata uma aparição de que foi testemunha. Embora as suas descrições tenham um carácter fantasioso, admite-se geralmente que alguma coisa de positivo existe nos relatos que nos legou.

Alexandre Dumas, escritor francês de insuspeita probidade, descreve três aparições que presenciou. A primeira no regresso duma peregrinação a Meca, a segunda no Oceano Índico e a terceira no canal que separa Moçambique de Madagascar.

Os testemunhos das tripulações de barcos de



Uma baleia branca que na opinião de alguns naturalistas poderia ser o monstro que habita em Loch Ness

guerra são numerosos. Em 11 de Outubro de 1848, o capitão do cruzador «Dedalos» enviou ao Almirantado inglês relatório pormenorizado duma aparição presenciada por todos os tripulantes. Outros factos semelhantes foram assinalados pelas tripulações do «Umfuehl» em 1893, do «Leda» em 1872, do «Valhalla» em 1905 e do «Milady» em 1917.

O último depoimento de categoria deve-se porém ao comandante do submarino alemão «U 28» que registou no diário de bordo um facto extraordinário por ele testemunhado. Acabava de meter no fundo o vapor inglês «Iberian» e assistia da ponte do submarino à consumação da sua obra, quando no remoinho provocado pela explosão viu surgir um crocodilo titânico que devia medir mais de vinte metros de comprimento. Não lhe foi possível fotografá-lo, mas fez dele um rápido esboço que juntou ao diário de bordo.

Do conjunto destes factos parece poder-se concluir que existem no seio dos abismos líquidos animais que a ciência desconhece. Daí o admitir-se a hipótese que um deles se tivesse acolhido a Loch Ness e que prisioneiro das suas águas sombrias surgisse com frequência à superfície.

Convém acentuar, de resto, que a existência da serpente do mar nada tem de ilógico ou absurdo. Não se lhe atribuem qualidades ou órgãos inverosímeis. As suas dimensões não são tão pouco exageradas se as tomarmos em relação a outros habitantes das águas. A ciência está longe de conhecer todos os segredos que as profundezas abissais do Oceano ocultam e a prova disso é que no ventre de alguns cachalotes os sábios têm encontrado por vezes fragmentos de tentáculos enormes que pertencem a animais desconhecidos. Os mais aperfeiçoados meios de pesca científica não logram trazer esses animais à superfície e longo tempo decorrerá talvez antes que eles entrem no domínio do conhecimento humano.

Muitos naturalistas, suggestionados pelas numerosas provas da existência da serpente do mar, creem na sua existência, ao ponto de a classificar entre as espécies animais sob a designação de *mezophias*.

Por isso, quando a notícia de que um monstro marinho aparecia repetidas vezes em Loch Ness, uma grande esperança agitou os sábios do mundo inteiro. Iria finalmente ser revelado o enigma da serpente do mar? Estaria um desses animais prisioneiro no lago escocês?

Mas o monstro, se na realidade existe, não quis dar prova nenhuma que permitisse a sua identificação. Assim o mistério subsiste e todas as hipóteses continuam a afigurar-se admissíveis.



Um estranho animal capturado na costa dos Estados Unidos e que os sábios julgam ser a serpente do mar na primeira fase do seu desenvolvimento

Maria Helena, já afeita à idéia da separação, cisma na sua vida passada, quando Luís a amava apaixonadamente e sente-se prostrada pela comoção, ao lembrar-se da carta que acabou de escrever-lhe, não podendo resistir ao peso das suas recordações. Bem sabe que tudo acabou, mas a sua alma pediu-lhe este desabafo:

«**C**OSTUMAVAS dizer-me: — “Quem me dera que fosses velha e feia, para que nenhum homem te cubiçasse: Se eu fosse um mágico, havia de fazer com que, aos olhos dos outros, a tua beleza desaparecesse. Que só fosses linda, diante de mim...”

E a casinha, aquela casinha com que tu sonhavas para lá me meteres, depois de velhinha, dizias tu, para que fosse tua, só tua.

Também eu tenho sonhado com aquela casinha pobre, no meio do campo, mesmo que ela tivesse só uma porta e uma janela, como a da canção:

*Uma porta e uma janela,
Tanto basta para ela,
A minha casinha ha-de
Ser toda felicidade.*

Que coisas se dizem, quando se está apaixonado. Sim, porque tu estiveste realmente apaixonado por mim. As coisas que tu me dizias, tôdas as tuas loucuras, não se fingem e, quando fingidas, não têm aquele tom sincero que só a verdade a tudo empresta.

Nós as mulheres sentimos bem, quando essas palavras de amor que desfiam aos nossos ouvidos são sinceras ou falsas.

Por mais que os galanteios lisongeiem a nossa natural vaidade, sabemos perfeitamente separar a verdade da mentira.

Sabemos, mesmo embriagadas pela ilusão, quando um homem nos quer ou nos deseja simplesmente numa chicotada dos sentidos exasperados.

Mas eram só palavras, palavras sentidas na ocasião, mas palavras que nunca teriam os factos a substituir as lindas promessas que em si guardavam.

Por tua culpa, por minha? Não sei. Por culpa de nenhum de nós, é mais certo.

Foi o destino que nos separou. A maldade empurrou-me para longe, arrancou-me aos teus braços, e atirou comigo para um mar encapelado, onde as seareias cantoras da glória me endoideceram, e os tritões da desgraça me trituraram sem piedade.

No meio das ondas selváticas, que ora me erguiam no seu dorso espumante de raiva, ora me atiravam para o fundo do charco enorme, eu lembrava-me de ti, das tuas promessas e, mesmo no escuro, eu via aquela casinha branca, muito cheia de sol, muito florida, com que tu me acenavas, nas minhas horas maguadas.

Para quando eu fosse velha, e eu fosse feia, para que ninguém me quizesse...

Que tolice! Como pude eu acreditar, nessas lindas mentiras?

A CASINHA PEQUENINA...

Nem tu gostarias de mim, se eu não fosse tão cubiçada, nem velha tu me quererias mais.

São coisas que se dizem, quando aquela a quem se dizem é nova, bonita e desejada.

Tu és homem, e os homens são todos iguais. Desejam tudo que os outros desejam e, quando a beleza foje da mulher amada, fogem também logo dela os seus beijos e os seus cuidados.

Às vezes, lá fica uma estimasita, que é

piando o caminho, a ver se chegas, enquanto lá dentro ferve o caldinho da nossa ceia.

Eu, de cabeça toda branca, mas ainda bonita, de olhos moços, e lábios sensuais como dantes, êsses lábios que te apetecia morder; e tu um pouco cansado, mas ainda tesinho, contas-me, ao chegar, os alaridos da cidade, dessa Lisboa que eu tanto quiz, que tanto bem e tanto mal me fez.

E, ajoelhando-te aos meus pés, olhas-me, tal como dantes, como se eu fosse uma Madonna santa, e dizes-me, beijando-me as mãos:

— Como é bom estarmos aqui sòzinhos, longe do bulício, dos ditinhos irónicos, dos invejosos, das críticas dos maldizentes. E que bom saber que ninguém te vê e que ninguém te deseja, que és só para mim!

E eu, muito dengosa:

— Pois ainda achas que alguém me desejasse agora, maluco? Não vês que estou velha?

E tu, sempre galante:

— Velha, tu! Tens lá dentro mais fogo que essas raparigas de vinte anos de agora. Tomaram elas o lume dos teus olhos, a ambrosia da tua boca. A tua mocidade é eterna, mulher! Quando nasceste, tôdas as seduções se juntaram em ti. Has-de ser sempre amada, sempre desejada. Fôsses tu para as ruas de Lisboa, e verias.

Mas não sais daqui nunca mais, não, amor?

Mas a enganosa miragem depressa se desfaz.

O meio barulhento da cidade veio opôr-se, de repente, à divagação do meu espírito, pelas sendas encantadas da recordação duma projectada vida de tranquilidade e amor, em que tu soubeste deslumbrar-me e francamente não me arrependo de te haver acreditado.

Olho em volta e vejo-me só. Nem casinha, nem cabelos brancos ainda, só uma madeixa prateada que até me fica bem.

Estou no meio ensurdecedor de preções, gramofones e automóveis.

Flores só o ramo de rosmaninho que há pouco comprei e que talvez com o seu cheiro campesino me inebriasse e me fizesse pensar nestas coisas.

Agora, quando volto a lembrança para a quadra do meu passado onde tu avultas, parece-me que tudo isto foi apenas um daqueles sonhos que a gente tem, dos quais não nos recordamos bem ao despertar, mas cuja impressão perdura em nós.

Mercedes Biasco.



Comandante Filomeno da Câmara



MORREU há dias o comandante Filomeno da Câmara, uma das figuras preponderante do «28 de Maio» e que actualmente exercia o cargo de chefe do estado maior naval. Foi governador de Timor em 1911, de Angola em 1918 e Alto Comissário na mesma província em 1928. Quando do «28 de Maio» sobraçou a pasta das Fimanças. Era uma grande figura de marinheiro, tendo sido valiosa a sua acção nas nossas colónias.

Pintor Luciano Freire



A pintura perdeu em Luciano Freire um dos seus maiores mestres. Na sua especialidade — restaurador — era grande. Como professor deixa uma larga fôlha de serviços. Os seus discípulos adoravam-no. Deve-se-lhe a organização do Museu dos Coches, que dirigia desde 1911. Em 1895 deram-lhe o título de académico de mérito da antiga Academia Real de Belas Artes. Actualmente era membro fundador da Academia Nacional de Belas Artes. Possuía o grau de oficialato de Santiago de Espada e a Legião de Honra.

Dr. Carlos de Passos



NUMA cuidada edição acaba de publicar o sr. dr. Carlos de Passos — sócio da Academia de História de Madrid — a conferência que realizou em Dezembro de 1932 subordinada ao tema «Lamego na arte nacional». É um estudo interessante sobre aquela linda cidade, onde se põem em relevo os seus encantos naturais e o grande valimento das suas tradições.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

O 38.º aniversário da morte de João de Deus



No dia 11 passou o 38.º aniversário do falecimento de João de Deus, o grande poeta do «Campo de Flores» e o autor da «Cartilha Maternal». No Museu João de Deus, promovida pelo «Grupo dos Amigos de João de Deus», efectuou-se uma sessão comemorativa, na qual usou da palavra, tendo feito uma brilhante alocução, o sr. dr. Joaquim Manso, ilustre director do «Diário de Lisboa».

D. Leonor de Marques Guedes



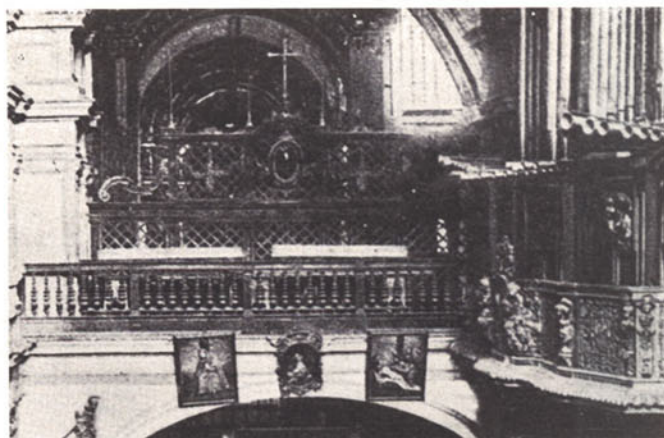
O papel da mulher na assistência é, em Portugal, importante. Em muitos casos, se não fosse ela, quantas obras de caridade ficavam por fazer. A dedicação que a sr.ª D. Leonor Marques Guedes tomou pela causa da «peste branca» pode bem ser avaliada pelo volume que veio agora a lume: «Na luta anti-tuberculosa». Nessas cem páginas vê-se bem o que foi o seu interesse, o seu trabalho e o seu enorme esforço por ter procurado debelar o mal que allige tanto lar em Portugal.

D. Maria Lamas (Rosa Silvestre)



ROSA SILVESTRE — pseudónimo já popularizado da sr.ª D. Maria Lamas — escreveu mais uma novela infantil: «A montanha maravilhosa», que está obtendo o êxito que merece. A leitura para crianças tem em Rosa Silvestre uma das suas melhores cultoras e nesta pequena obra revela-se mais uma vez a escriptora que sabe contar histórias aos pequeninos, em linguagem que eles entendem. Reside nisto o grande segredo de escrever para os homens e as mulheres de amanhã.

Roubo dum quadro no convento de Arouca



EM circunstâncias ainda misteriosas — apesar das investigações policiais — desapareceu do convento de Arouca o quadro — cópia raríssima das primeiras produções de Murilo — «A Virgem tendo o menino Jesus nos braços». O caso foi entregue à Polícia de Investigação Criminal do Porto.

Dr. Caetano de Abreu Beirão



DE há muito que a crítica literária não tecia tão grandes elogios a uma obra histórica como o vem fazendo ao livro «D. Maria I» da autoria do sr. dr. Caetano de Abreu Beirão. Nêle se estuda — com pormenores e documentos inéditos — tudo quanto se passou durante o reinado agitado da filha de D. José I. Tem constituído um verdadeiro êxito de livraria.

Mário Duarte



O teatro português perdeu em Mário Duarte um grande amigo e um grande defensor. Foi um dos fundadores da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses. Fundou e dirigiu a revista «de Teatro». Foi actor, tendo trabalhado ao lado de Lucinda Simões, Adalina Abranches, Alves da Cunha e outras grandes figuras teatrais. Como autor, deixou muitas peças originais e traduziu algumas dezenas de obras estrangeiras. Morreu novo, pois contava apenas 44 anos.

Rui Sant'Elmo



«Má Sorte» intitula-se um romance de Rui Sant'Elmo — pseudónimo usado por um escritor cheio de observação — que acaba de vir a lume. Escrito numa linguagem sã e vigorosa, a sua leitura prende até à última página. Como sub-título tem essa curiosa obra o seguinte: «E, o homem, senhor do seu próprio destino?». Nesta frase está a síntese do romance. Recomendamo-lo aos nossos leitores. A capa foi desenhada pelo conhecido artista Stuart de Carvalhais.



A valerosa nadadora catalã Carmen Soriano, vencedora da corrida de 200m, e sua irmã Enriqueta, não receiam o frio da água nestes dias de inverno

TOMOU posse num dos dias da semana passada a nova direcção da Confederação Portuguesa de Desportos, eleita em Congresso por unanimidade de votos das federações filiadas, e composta pelos srs. Raul Vieira, presidente, dr. Salazar Carreira, vice-presidente, Mario de Oliveira e Severino Freire, secretários, Pedro José de Moura, tesoureiro, Joaquim Mil-Homens e Martinho Gonçalves.

Depois das decisões e votos emitidos pelo Congresso de Clubes Desportivos, assegurando á Confederação o posto de entidade maxima do desporto português, sobre ela incidem pesadas responsabilidades que obrigam os seus dirigentes a um trabalho assiduo e melindroso.

No momento actual, perante as manifestações frequentes do interesse dos Poderes Publicos pelo desporto, a Confederação desempenha um papel da mais alta importância e tem por dever contribuir para solução dos instantes problemas de auxilio e protecção do Estado, de organização da educação física, de saneamento e progresso do meio.

O acto de posse dos novos corpos gerentes, cerimonia da maior simplicidade, serviu no entanto para que se fizessem afirmações concretas dos mais firmes propósitos de bem servir a causa desportiva.

O presidente do congresso cessante, o illustre homem de desporto, engenheiro Correia Leal, congratulou-se pela acertada escolha dos novos dirigentes, pessoas de grande prestigio e comprovada honestidade, dignas, portanto, de occuparem tão alto cargo e contribuirem pela sua acção para o indispensavel saneamento do meio desportivo, impondo disciplina e método, prestigiando o desporto no momento critico em que se esboça a sua transição

para o campo do interesse oficial.

Oxalá as excelentes disposições manifestadas, em resposta, pelos srs. Alvaro de Lacerda e Raul Vieira, se concretizem muito breve em factos que justifiquem a confiança depositada no organismo maximo do desporto português.

A Associação de Atletismo de Lisboa reuniu na sua sede os representantes da imprensa da capital, para lhes comunicar o seu calendario de provas e os seus projectos para a epoca proxima. A Associação de Atletismo de Lisboa parece não nos conhecer, esquecendo que nas paginas da "Ilustração," sempre se reservou para o atletismo um lugar de destaque e se tem feito uma propaganda talvez mais eficaz do que a de muitos dos que agora foram chamados a beber-lhe um calice de Porto. O caso, felizmente, não tem importância, porque conhecemos nós, e bem, a Associação de Atletismo de Lisboa!

No seu programa, nos seus projectos, onde se manifesta um desejo de actividade constante, parece-nos descortinar um exagero de organizações, que leva a pensar tratar-se mais do desejo de apregoar serviços e dar pretexto a que se fale dos dirigentes, do que propriamente servir os interesses dos praticantes e o progresso da especialidade.

Nós temos que viver com o nosso meio, e nunca em macaqueações desproporcionadas do que se faz lá fóra, em países onde a preparação atlética, a classe e o numero dos corredores, o ambiente e o incremento, são completamente distintos.

Não se compreende que um técnico sensato, a não ser que o faça com o proposito firme de arranjar pretexto para as suas crónicas e para os elogios que lhe asseguram o posto, arraste a epoca de inverno até abril, inaugurando em maio a epoca estival.

Os nossos corredores de "cross," são, é claro, os mesmos que disputam em pista as provas de fundo e meio-fundo; são quasi todos eles vendedores de jornais, vivendo num regime higienico e alimentar deficiente e improprio, que não admite sem prejuizo fisico nove mezes de acti-



Os nadadores dum clube madrileno mergulham entre os blocos de gelo formados na sua piscina ao ar livre

A QUINZENA

Tomou posse a nova direcção

A imprensa da especialidade

Começou a segunda edição

vidade atlética quasi ininterrupta. No calendario figuram, de resto, provas que se não justificam, como a corrida por estafetas Sintra-Lisboa.

Temos já uma prova similar, de Cascais a Lisboa, que deve bastar como agente de propaganda, tanto mais que tendo sido já duas vezes disputada, ainda não apareceram resultados praticos que comprovem essa influencia propagandista. Progrediu o atletismo naquela zona? Apareceram novos clubes ou novos atletas praticantes? Nem uma nem outra coisa, porque o nucleo da Parede existia já antes do inicio da corrida.

As provas em estrada estão universalmente reconhecidas como prejudiciais á forma dos corredores, porque a dureza do péso exerce sobre os musculos uma influencia nociva; os homens que as disputam, abandonam a prática da pista e especializam-se. Não é este o nosso caso e, portanto, quer-nos parecer que uma única organização estradista deveria bastar no calendario.

Para justificar na opinião pública o desempenho cabal de um cargo, não basta dizer que se fez muito, é necessario afirmar que se fez bem.

Os campeonatos da Europa de atletismo devem pela primeira vez ser organizados em Italia nos dias 7, 8 e 9 de Setembro do ano corrente.

Embora em condições especiais, o caso interessa o nosso país, devendo ser estudada e procurada a possibilidade de uma representação em acórdio com a nossa diminuta classe internacional.

Sabemos que a Federação Portuguesa de Atletismo não tem descurado o assunto, mantendo correspondência com a Comissão Organizadora e esperando o

DESPORTIVA

da Confederação dos Desportos

e a Associação de Atletismo

do campeonato de foot-ball

momento oportuno para intervir no problema.

Talvez para a gente se rir, nomeou certa entidade um individuo muito conhecido no meio, o qual, invertidos os papéis, arma em treinador de candidatos e Diógenes de concorrentes aos campeonatos da Europa.

Trata-se de mais poeira brilhante nos olhos dos incautos; um campeão de classe internacional não se descobre nem se prepara em meia dúzia de meses; é, forçadamente, um atleta já consagrado em competições anteriores, avaliado pelas "performances," conseguidas.

Em Portugal a falange dos homens em tais condições é tão escassa que se conta pelos dedos de uma mão; em Lisboa existe um único possível, Martins Vieira, se adquirisse os conhecimentos técnicos que ainda não assimilou e lhe permitiriam o aproveitamento integral das suas excepcionais qualidades físicas; no Porto encontramos António Sarsfield, o valor n.º 1 do atletismo português, talvez Tavares Júnior, e nada mais.

A preparação destes homens só é possível dentro dos respectivos clubes, e a interferência da Federação, única entidade competente, só é justificável no período final de preparação, após a realização das provas officias de campeonato.

Tudo o mais que se apregoe, é garganta.

Os praticantes da natação fazem gala em afirmar o seu desprezo pelo frio. São frequentes no estrangeiro as corridas disputadas no dia de Natal, não sendo até o caso inédito do desporto português.

Apresentamos hoje aos nossos leitores duas fotografias curiosas deste menozprezo pela baixa temperatura da água,

colhidas recentemente em Madrid, onde uma vaga de frio gelou os lagos e as piscinas.

Os nadadores dos clubes da capital visinha, organizaram uma série de provas, nas quais as senhoras não desdenharam de participar, nadando no meio de blocos de gelo e sendo algumas vezes necessário partir primeiro a superfície solidificada da água, para depois nela poderem mergulhar.

A tradicional excentricidade dos americanos manifesta-se de vez em quando de forma imprevisita e ainda inédita. Vamos contar aos nossos leitores um destes casos.

O cidadão John Gotfrey foi tóda a sua vida um excêntrico, alcançando a velhice com um bom pecúlio nos cofres. Solteiramente convicto, recolhera em sua casa quatro sobrinhos pobres que educou na prática dos desportos e da educação física, dando-lhes vida fastuosa, criando-os como se seus filhos fossem.

Há pouco tempo o velhote morreu e os sobrinhos foram convocados pelo tabelião para assistirem á abertura e leitura do testamento, ficando estupefactos com as últimas vontades do tio expressas da maneira seguinte:

"Como não quero melindrar qualquer dos meus sobrinhos, os quais todos estimo por igual, peço-lhes que lutem para conquistar a sua herança. Mandei ensinar-lhes o box, e sei que são de classe equilibrada. Disputarão entre si um torneio, cujo vencedor receberá 400.000 dolares em dinheiro ou bens imóveis; o segundo receberá 300.000 dolares, o terceiro 250.000 e o último 200.000 dolares.

Os matches decorrerão em público, perante espectadores não interessados na herança, devendo começar no segundo dia após a abertura deste testamento e ser anunciados em cartazes."

Os sobrinhos cumpriram escrupulosamente a determinação e, como bons americanos, exploraram o negócio.

No dia seguinte alugaram uma grande sala, espalharam por tóda Nova-York cartazes annunciando os combates, e vende-



O lago dum dos parques de Madrid gelou, e um grupo de nadadores procurou quebrar a superfície gelada para mergulhar nas suas águas

ram os bilhetes de entrada a preços variando entre dez e quarenta dolares.

O recinto encheu-se completamente nas três noites!

O vencedor, que foi o mais novo dos sobrinhos, ofereceu generosamente um banquete para o qual foram convidadas todas as pessoas portadoras de um bilhete de entrada para os combates, e que reuniu algumas centenas de espectadores.

Começou finalmente, com a participação dos clubes barreirenses, a segunda edição do campeonato de Lisboa de foot-ball.

Não podemos ainda formular qualquer previsões, mas é interessante registar a atitude assumida com sacrificio das próprias possibilidades de classificação pelo Sport Lisboa e Benfica, pelo Casa Pia Atlético Clube e pelo Bom Sucesso, abstando-se de comparecer, dentro do que lhe permitiam os regulamentos, nos encontros com os adversarios do sul do Tejo de cuja attitude sempre discordaram.

De muito maior interesse para o publico está sendo a preparação do grupo nacional destinado a defrontar a Espanha nos jogos eliminatórios do campeonato do mundo.

Em volta do trabalho do seleccionador Ribeiro dos Reis, agitam-se já as habituais intrigas de bairro e as manifestações daqueles que sempre se julgam victimas de perseguição.

No final os autores destes protestos demonstram apenas que lhes não chegou a agudeza espirital para compreender a orientação do prestigioso técnico do nosso foot-ball.



Os novos corpos gerentes da Confederação Portuguesa de Desportos, cuja posse se efectuou há alguns dias

Salazar Carreira.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

NAS BELAS ARTES

Nas tardes de domingo 4, domingo 11 e terça-feira 13, realizam-se no «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, à rua Barça Salgueiro, «matinées» de caridade, levadas a efeito por uma comissão de senhoras solteiras pertencente à nossa primeira sociedade, de que fazem parte: D. Maria Adelaide Barbosa de Guimarães Serodio (Sabrosa), D. Maria Adelaide Moraes de los Rios Frois, D. Maria Antónia Cabral Gentil, D. Maria Cecília de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Maria da Conceição Cohen Espírito Santo Silva, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Maria José Moraes de los Rios Frois, D. Maria da Luz Vilardebó Chaves, D. Maria Rita Moraes de los Rios de Castro, D. Maria Teresa de Castro Pereira Guimarães e D. Vera Bettencourt Moreira de Carvalho. As três «matinées» serão abrilhantadas por duas orquestras «jazz-band». Na primeira serão distribuídos brinquedos a todas as crianças, na segunda haverá concurso de crianças mascaradas, sendo distribuídos artísticos prémios, e na terceira serão distribuídas artísticas bonecas.

Os bilhetes de admissão ao preço de 10\$00, vendem-se à entrada, tendo as crianças até cinco anos de idade, entrada gratuita.

Nos salões

A sr.^a D. Mary de Brito Keil e seu marido o sr. Luiz Keil, ofereceram na sua residência à Avenida da Liberdade, uma linda festa comemorando o primeiro aniversário do casamento de sua filha D. Alfrida, com o sr. dr. José Alfredo Nobre Cartaxo. Ao som dum *quarteto* dançou-se quasi que sem interrupção até de madrugada. Pelas duas horas, foi servido no salão de mesa, uma finíssima ceia.

Na assistência notavam-se as sr.^{as}:

Esposa do ministro de França, esposa do ministro da Noruega, condessa de Moulin-E kart, D. Sara de Bensaude de Lemoine Branco e filhas, senhora de Benno Weinstein, D. Ma-

ria Adelaide de Vitoria Pereira, D. Maria J sé Guerreiro Telo Rato e filha, D. Anunciada de Dornelas, D. Arcelina Moreira dos Santos de Medeiros, D. Olga Tedeschi, D. Herminia Sanchez Lage França, D. Maria Francisca dos Santos Freitas, D. Maria dos Reis Vale, D. Conceição Riano Grandela, D. Carolina Pecsnik, D. Maria Vitoria Pereira de Serzedelo, D. Erika Kulenkampf, senhora de Vila rg, D. Ester do Paço, D. Maria Adelaide Botelho Coelho, D. Dóra Prag, D. Maria Lina Ferrei a Lima, D. Alice Reis Val, D. Maria Madalena Correia Mendes, D. Emy Orlob, D. Maria José Geiweiller, D. Solveig Hansen, D. Carmen Eshb-on, D. Mariana e D. Teresa Bonito de Oliveira, D. Maria Isabel de Paiva, etc.

E os srs.:

Minist. o da França, ministro da Noruega, ministro da Alemanha, encarregado dos Negocios da Holanda, Simon Hansen, Marcus Cheke, Axel Thingvold, Heinrich Orlob, E. Vibord, comandante Fernando de Lemoine Branco, marquês de Faria, coronel Vitoria Pereira, dr. João Pais de Vasconcelos, coronel Henrique de Campos Ferreira Lima, Afonso de Dornelas, dr. Justino de Montalvão, major R. ul Frederico Rato, dr. Alberto Mac-Brid, Alessandro Tedeschi, d. Eugénio Mac-Brid, 1.º tenente Marcos Vieira Garin, dr. Armando dos Reis Vale, Benno Welsnstein, dr. José da Cunha Paredes, dr. João Diogo Folgado, capitão Luiz Ivens Ferraz, Alfredo Fraça, Carlos Simulin, dr. Joaquim Prior, dr. Firmino da Silva Pereira, dr. Santos Freitas, Arne Hansen, engenheiro A. Serzedelo, Helmut Kulenkampf, dr. Luciano Ravara Alves, Teodoro Mielitz, Helvar Wiborg, Luiz Grandela, Herlof Dahll, dr. Fernando Pais de Vasconcelos, Manuel Maria Coelho, Afonso do Paço, Fernando Mar del, Manuel de Vasconcelos, António de Gouveia, Hans Weinstein, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc.

— Festejando o aniversário de sua esposa, sr.^a D. Andréa Pinto da Rocha, ofereceu na sua residência no Bom Sucesso, o sr. Otávio Pinto da Rocha, um «chá», durante o qual houve animada conversação.

Na assistência notavam-se as senhoras:

D. Maria Rynolds de Castro, D. Marie Dautel, D. Berta de Faria Pinto de Andrade Rodrigues, D. Renée Manhorat, D. Henriqueta Carp, D. Alme Waterschoot Ormby, D. Lhas Pinto da Rocha, D. Marieta Berneaud, Cayola e filhas, D. Olivia Teixeira Wirtz, D. Helena Wirtz e Mezenes Alves, D. Judite Benjamin Pinto, D. Maria Luisa Gomes de Miranda, etc., etc.

E os senhores:

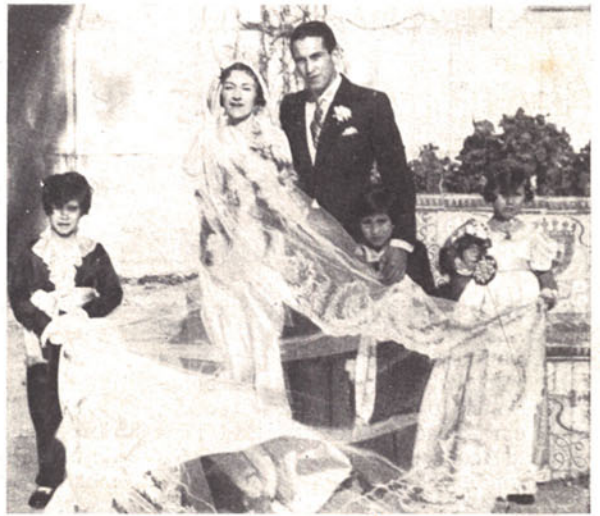
Marquês de Faria, comandante Galão Roma, dr. Américo Pinto da Rocha Maurice Carp, Richard Ormby, dr. Alberto Murinelo, Luis da Câmara Menezes Alves, Júlio Cayola, Albert Wirtz, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

O sr. Otávio Pinto da Rocha e sua esposa, a sr.^a D. Andréa Pinto da Rocha, foram de uma cativante amabilidade para com os seus convidados, que se retiraram gratíssimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

Casamentos

Em Cascais, realizou-se com grande brilhantismo na Capela de Nossa Senhora da Conceição, o casamento da sr.^a D. Maria Teresa Burnay, gentil filha da sr.^a D. Ida Burnay e do sr. Roberto Burnay, já falecido, com o sr. D. João José de Sousa e Faro de Lencastre, filho da sr.^a D. Judith de Sousa e Faro de Lencastre, tendo servido de madrinhas a mãe e a prima da noiva sr.^a D. Maria José Ortigão Burnay de Gusmão e de padrinhos os srs. dr. António da Lencastre, avô paterno do noivo e Henrique Monteiro de Mendonça.

Celebrou o acto religioso o reverendo prior de Cascais, que antes da missa fez uma brilhante alocução: Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção. Terminada a cerimónia religiosa, foi servido no magnífico salão de mesa do palacet dos avós do noivo, sr.^a D. Beatriz de Lencastre e do ilustre clínico sr. dr. António de Lencastre, um finíssimo lanche seguindo os noivos para Lisboa, donde par-



Os noivos — sr.^a D. Maria Teresa Burnay e o sr. D. João José de Sousa e Faro de Lencastre — depois do seu casamento

tiram no dia seguinte para Nixe, onde foram fixar residência.

Na assistência estavam as srs.:

Marquesa de Ficalho, marquesa de Rio Maior, condessa das Alcaçovas e filhas, condessa de Mendia e filha, condessa de São Tiago, condessa da Louzã (D. Ema), condessa de Castelo Mendo, condessa de Murça, condessa de Cas elo Mendo (D. Rita), viscondessa de Santarém, viscondessa de Almeida Garrett, D. Maria de Lencastre Van-Zeller, D. Beatriz de Lencastre, D. Eliza Baptista de Sousa Pedroso, D. Carolina Monteiro de Mendonça e filha, D. Ilda Burnay e filha, D. Isabel Trigozo e filha, D. Eugénia de Lencastre d'Orey, D. Eugénia Mendia de Lencastre, D. Beatriz de Mendonça, D. Izilda Gomes Alves de Sá, D. Ana de Foyus e Freitas, D. Ana Soto Maior de Macedo, D. Maria Fernanda Neto Afonso Braga, D. Luiza Deslandes Blanch D. Albertina da Câmara Rodrigues Walden Supundo, D. Sara Burnay Paiva de Andrade e filha, D. Maria José Ortigão Burnay de Gusmão, D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henriques e filha, D. Maria do Carmo Soares de Albergaria Burnay, D. Carmen Correia Leite Belmar da Costa, D. Dália Correia Leite Tavares de Carvalho, D. Maria Bruno de Heredia, D. Maria Amélia de Macedo de Saude de Castro e filhas, D. Luiza de Sousa e Faro de Menezes, D. El-ira Jara de Albuquerque d'Orey, D. Madalena Soto Maior Pinto Basto, D. Pilar Soto Maior Pinto Basto e filha, D. Beatriz Benjamin Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Emilia Neto Afonso de Pereira Coutinho, D. Camila de Paiva Raposo, D. Maria Matilde Paiva de Andrade Moraes Cardoso, D. Maria Adelaide Soares Cardoso Cruz, D. Carmen Burnay de Vilhena, D. Ana Burnay Soares Cardoso, D. Luiza de Avilez Soares Cardoso, D. Maria Luisa Burnay Soares Cardoso, D. Maria da Nazaret Gorrão Henriques de Freitas, D. Roxane de Serpa Pinto de Freitas, D. Maria Amélia Lencastre de Freitas Alegre, D. Isabel Pinheiro de Melo Espírito Santo Silva, D. Judite Benjamin Pinto, D. Alice Burnay, D. Virginia Vitorino, D. Maria Teresa Burnay Verda (Marcos), D. Maria Luiza Cardoso d'Orey, D. Maria Teresa de Lencastre Ferrão de Castelo Branco, D. Isabel de Lencastre Freitas, Miss Sherrington, Miss Wooler, D. Maria Tereza de Lencastre Ferrão, etc., etc.

E os srs.:

Marquês de Lavradio, marquês de Rio Maior, conde das Alcaçovas, conde de Mendia, conde de São Tiago, condessa de Castelo Mendo, conde de Murça, conde Castelo Mendo (António), visconde de Santarém, visconde de Torrão dr. D. António de Lencastre, Henri Monteiro de Mendonça, dr. Ernesto de Vilhena, dr. João Moraes Cardoso, D. Joaquim Henriques de Lencastre (Alcaçovas), dr. João de Mendonça Pedro Gusmão de Moura, Miguel Tobias Paiva de Andrade, dr. Ivo Cruz, Filipe de Meio e Castro de Vilhena, D. Henrique Burnay de Verda (Mai os), D. António de Lencastre (Louzã), Duarte Burnay Soares Cardoso (Marco), Gonçalo de Abreu Pereira Coutinho, José Burnay Soares Cardoso (Marco), Gastão Benjamin Pinto, José Nunes, Paulo Benim, Francisco José Abecassis, Bernardo Mendes de Almeida, José Ferrão de Castelo Branco (Arroche), João de Lencastre Freitas, José Alegre, Manuel Espírito Santo Silva, José Manuel de Sousa e Faro Nobre de Carvalho, Francisco Bruno de Heredia, Armando da Câmara Rodrigues, Ruy Correia Leite, Adolfo Burnay Soares Cardoso (Marco) Luis de Lencastre Freitas, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

— Realisou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira o casamento da sr.^a D. Maria Antónia de Andrade Sabbo, interessante filha da sr.^a D. Clotilde Ferreira de Andrade Sabbo, já falecida, e do sr. António Augusto Victor Sabbo, com o sr. Alvaro Lopes de Oliveira, filho da sr.^a D. Mariana Matos de Oliveira e do sr. Américo Lopes de Oliveira, tendo servido de madrinhas a sr. D. Alice da Fonseca Sabbo e a mãe do noivo e de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia foi oferecido na elegante residência do pai da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos que receberam grande número de valiosas prendas, para o Algarve, onde foram passar a lua de mel.



O casamento da sr.^a D. Maria Antónia de Andrade Sabbo com o sr. Alvaro Lopes de Oliveira, realizado na paróquia de S. Sebastião da Pedreira

O escândalo Stavisky



O suicídio do famoso burlão russo Stavisky, no momento em que a polícia lhe ia deitar a mão, está sendo o assunto palpitante da imprensa mundial. O escândalo subiu até ao Parlamento francês e fez até, com que o governo francês apresentasse ao presidente Lebrun o pedido de demissão.

Bebedores para cães



Em Washington construíram-se em alguns bairros bebedores para cães. A água é corrente e, portanto, sempre limpa. Os americanos deram-lhes o nome pitoresco de «Dogs' bar», como se vê na gravura.

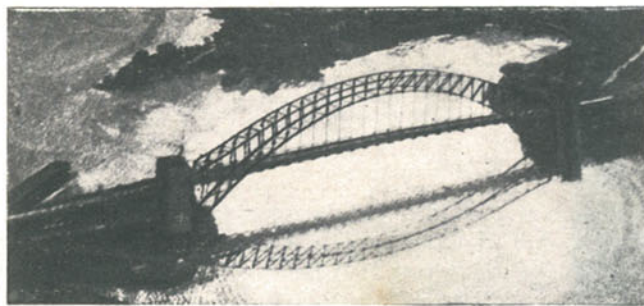
Criadas Inglesas



As criadas dos restaurantes Lyon, de Londres, que têm fama de ser as mais bonitas do mundo, organizaram entre elas um grémio de cultura física, onde praticam diariamente exercícios para conservar agilidade e destreza necessárias para o bom desempenho do seu ofício.

PELO MUNDO FÓRA

A «ponte dos suicídios» do porto de Sidney



ASPECTO da magnífica ponte de Sidney — que foi inaugurada em agosto do ano passado — e que é uma magistral obra de engenharia. Desde a sua inauguração até ao fim do ano — ou seja, em menos de cinco meses — deitaram-se dela abaixo nada menos de oitenta e sete pessoas. Naquela região, começou a ser conhecida pela «ponte dos suicídios».

Em Paris inaugurou-se uma «escola de bondade»



Na capital parisiense acaba de ser inaugurada uma «escola de bondade» para crianças. Serve para ministrar, durante duas horas por dia, como se deve compreender a bondade e como ela deve ser encarada. Os resultados têm sido óptimos, tanto assim que a imprensa já é de opinião que outras se devem abrir rapidamente para melhor formação do carácter da juventude.

Os concursos de beleza continuam em Espanha...



CONSTITUIU um formidável êxito em Barcelona o «Concurso de Beleza» entre as modistas. Uma enorme multidão invadiu o Palácio de Belas Artes onde o certamen se realizou. Foi eleita nova rainha das modistas barcelonesas a sr.^a D. Antónia Ubach, que se vê na fotografia, rodeada das suas damas de honor. Foi uma festa — dizem os jornais espanhóis — inextinguível, tal o entusiasmo e a alegria que reinou durante a eleição.

Sociedade das Nações



INICIOU os seus trabalhos a 78.^a sessão da S. D. N. A mais importante questão que vai ser discutida é, sem dúvida, o problema do Sarre. O presidente do conselho da S. D. N. é o ministro dos negócios estrangeiros da Polónia, sr. José Beck, um dos mais importantes colaboradores do marechal Pilsudski. liga-se grande importância a esta reunião que terá grande influência tanto na vida política internacional como na conservação da paz mundial.

Morreu a duquesa de Alba



ENTRE as figuras representativas da grande fidalguia espanhola destacava-se a duquesa de Alba. Acaba de falecer. Os jornais de Espanha têm-lhe os maiores elogios, não só como senhora, mas também como esmoler. Publicamos o seu busto, em bronze, devido ao grande escultor Mariano Benlliure.

A queda do «Esmeralda»



ENTRE OS passageiros do tri-motor «Esmeralda» — que caiu devido a causas ainda desconhecidas e, que viajava a caminho de Paris, vindo da Indo-China — figurava o Governador Geral daquela província francesa sr. Pasquier.



Uma bela atitude de Mae West

DOROTHEA WIECK, a emocionante artista de «Raparigas de Uniformes», submeteu já ao juízo do público norte-americano o primeiro filme que realizou em Hollywood.

Esse seu novo trabalho chamou-se «Canção do Berço» e é baseado numa obra do escritor espanhol Martínez Sierra. A grande actriz desempenha o papel duma jovem religiosa cujo instinto maternal se concentra numa criança abandonada recolhida no convento. Quando a pequenita abandonada cresce e se transforma numa mulher, a religiosa, sua mãe adoptiva, pretende obrigá-la a professar. Mas reconhecendo que é por egoísmo e não por piedade que assim procede, acaba por se sacrificar e consentir no casamento.

Há neste film particularidades que chocarão alguns católicos, mas que se justificam se atendermos a que os americanos têm um conhecimento muito frágil das instituições religiosas do Velho Mundo. Mas abstraindo disso, os críticos foram quase unânimes em reconhecer no filme uma invulgar beleza. A música litúrgica está superiormente adaptada ao filme e todo o argumento acaba impregnado duma sublime nobreza.

Quanto a Dorothea Wieck, continua a ser o rosto mais suave e mais puro que tem aparecido no *écran*. Após as primeiras cenas o espectador nada mais vê que o oval perfeitíssimo do seu rosto emoldurado pelo veu de monja.

Greta Garbo terminou há poucas semanas o filme que, segundo as suas próprias declarações, será o último que realiza em Hollywood.

A grande «estrela», suca a notícia a intenção de deixar sem saudades a capital do cinema e de regressar à sua pátria. Esta decisão não implicará, porém, o abandono da carreira artística. Greta instalará na Suécia o seu próprio estúdio que será financiado por capitais da sua fortuna particular.

Nesse estúdio desempenhará lugar de realizador o príncipe Sigvard, neto do rei Gustavo. Os informadores vão mesmo ao ponto de falar num ordenado de 2.000 dólares por mês para o realizador de sangue real.

Quando os dramaturgos ou romancistas cedem a um produtor os direitos de adaptação cinematográfica duma das suas obras, é de uso receber uma importância fixa em dinheiro.

Succede, porém, que o seu trabalho, após o contrato assinado, é sujeito a modificações que vão por vezes ao ponto de deturpar o texto original.

Bernard Shaw modificou, porém, estas duas condições que predominam na quase totalidade dos contratos deste género.

Quando a Rádio Pictures lhe propôs a aquisição dos direitos de «O discípulo do diabo», Bernard Shaw impôs duas clausulas:

1.º — Não receber um preço fixo, mas sim 10% sobre a receita bruta; 2.º — Não ser introduzida qualquer modificação no seu diálogo.

De princípio, os produtores resistiram a estas pretensões. Ofereceram 10.000 libras. Mas Bernard Shaw persistiu nos seus propósitos. E em face dum escritor desta categoria foi a Rádio que cedeu. O seu diálogo será religiosamente respeitado e receberá 10% sobre a receita total que o filme produzir.

Quando o contrato foi assinado, um dos representantes da empresa produtora observou com ironia que a percentagem estipulada seria possivelmente inferior ao preço de 10.000 libras.

Bernard Shaw ouviu e replicou serenamente: — Tanto pior. Mas ao menos terei a convicção de o ter ganhado honestamente só recebendo pela minha obra na medida em que o público manifestou por ela simpatia.

É já facto conhecido em todo o mundo que sobre a actividade de todas as empresas norte-americanas exerce Will Hays uma austeridade, no cumprimento duma missão que lhe foi confiada pelo governo dos Estados Unidos.

Will Hays acaba de provocar funda emoção em todos os meios cinematográficos com uma circular que dirige a todos os produtores e que na opinião destes representará a ruína da sua indústria.

As principais recomendações formuladas pelo ditador do cinema americano na sua sensacional circular são as seguintes:

Não fotografar mulheres em trajos menores; não exhibir cenas em que alguma rapariga levante as saias acima do que se pode considerar conveniente; não filmar beijos ou carícias nas cenas

CINEMA

No mundo do "écran"

em que os actores se encontrem em posição horizontal.

Os dirigentes das grandes firmas norte-americanas não se convenceram ainda de que estas prescrições venham a ser mantidas. É entretanto em Hollywood todos se interrogam ansiosamente sobre o futuro do cinema.

Baby Le Roy é aquele garoto que Maurice Chevalier revelou no seu adorável filme «Beijos para todas».

Pois o simpático bébé, que conta pouco mais de dois anos de idade, acaba de perder um papel por ser velho demais.

O filme em questão chamar-se-á «O bébé na geleira» e para interpretar o protagonista foi escolhido o actor Lee Tracy.

Mas Lee Tracy fez entretanto uma viagem ao México e após certos escândalos foi demitido pela empresa que o contratara.

Para o substituir foi designado Richard Arlen. Mas neste meio tempo, Baby Le Roy crescerá tanto que media a quasi um metro e se negava a andar ao colo.

Foi o próprio Richard Arlen quem sugeriu a solução do problema: fez vir de casa o seu próprio filho e com ele interpretou as cenas que lhe estavam marcadas.

De modo que no filme «O bébé na geleira» veremos o autêntico Bébé Arlen nos braços de seu pai.

A «Metro» acaba de realizar uma audaciosa tentativa, contratando para um dos seus próximos filmes, «Every Woman's Man», (o homem de todas as mulheres), dois *boxers* de primeira categoria como são Primo Carnera e Max Baer.

Estes dois grandes pugilistas defrontar-se-ão provavelmente no próximo estio para disputa do campeonato do mundo. Assim o encontro de *box* a que o filme dá lugar tem um significado extraordinário e, por assim dizer, histórico.

Max Baer faz o papel dum jovem principiante. Carnera é o campeão a quem ele lança um audacioso desafio. É segundo a rubrica, a mocidade do primeiro deveria abater a experiência do segundo.

Em geral, os combates de *boxing* no cinema, não passam de ligeiras carícias, que por um jogo de manivelas se transformam em enérgicos *swing* e *uppercuts*. Mas quando os adversários são um Carnera e um Max Baer, o caso muda muito de figura. Neste caso, o sangue correu. E os que assistiram a essa memorável cena de filmagem dizem que nem sempre no *ring* a luta atinge tal intensidade.

Mas o mais difícil de resolver foi o desfecho dessa luta que punha frente a frente dois campeões igualmente ciosos do seu prestígio. Primo Carnera negava-se obstinadamente a simular uma derrota. «A honra da Itália está em jogo», afirmava ele. Para o convencer, a «Metro» ofereceu-lhe a importante quantia de vinte cinco mil dólares. Mas mesmo por esse dinheiro, Carnera apenas transgiu em realizar *match* nulo com o seu adversário de amanhã. Quanto a si-

mular um *knock out*, não o faria nem por um milhão de dólares.

Nestas condições, os produtores acabaram por se curvar ante as exigências do gigante italiano e decidiram modificar nesse sentido o argumento do filme em preparação.

Rouben Mamoulian, o admirável realizador de «Ruas da Cidade» e «O Medico e o Monstro», recebeu oferta dum produtor francês para dirigir em Paris a realização dum filme em que teria o principal papel Chaliapine, o famoso baixo russo que interpretou «D. Quixote» de Pabst.

A este respeito, o realizador americano fez as seguintes declarações:

«É claro que aceitarei e só espero conhecer certos pormenores para tomar a minha decisão. Creio que o argumento é baseado no conflito polaco-russo de há dois séculos, o que servirá de pretexto para introduzir do filme as belas canções dessa época. De resto, tenho muito interesse em dirigir Chaliapine que considero um dos maiores artistas do nosso tempo.»

Contudo, nada está definitivamente estabelecido sobre o assunto. E nos meios bem informado segreda-se que tem havido negociações secretas entre Mamoulian e Greta Garbo, motivadas pelo desejo desta de o levar a dirigir um filme seu na Suécia.

John Gilbert, cujas dolorosas experiências matrimoniais têm feito objecto de inúmeros comentários, está de novo a braços com as mais angustiosas dificuldades conjugais.

Sua mulher, Virginia Bruce, acaba de o abandonar para regressar a casa de sua mãe. Sobre as determinantes desta atitude a bela actriz deu as seguintes explicações:

«Separámo-nos porque não estamos de acordo sobre diversas cousas. Não há outro homem ou outra mulher envolvidos no caso. O que haverá, talvez, é um divórcio ou uma reconciliação. Ainda o não sei.»

Por seu lado, John Gilbert declara: «Tenho a maior admiração por Virginia e delego nela o encargo de explicar o que se passou. Nada tenho a dizer. É melhor assim.»

A proposito vale a pena recordar a acidentada carreira matrimonial do invejado galã. Em 1917 divorciou-se de Olivia Burwell. Em 1923 divorciou-se de Ina Claire. Em 1932 divorciou-se de Leatrice Joy. E em 1934 começa a ser muito provável que junte mais um nome à lista.

Frederic March acaba de assinar um contrato com a nova empresa produtora de filmes «Século xx».

O seu primeiro filme será «Os Miseráveis», segundo o famoso romance de Victor Hugo. A realização iniciar-se-á em Fevereiro.

«Os Miseráveis», é um dos romances que mais vezes tem sido adaptado ao cinema. Não contando com as versões francesas, uma das quais é bem recente, a popular obra de Victor Hugo

conta já na América quatro versões. A primeira em 1918, realizada pela «Fox»; as restantes em 1927 pela «Universals», por Edison e pela Vitagraph.

Mack Sennett é, sem dúvida, um dos pioneiros a quem o cinema mais deve e o que mais profunda influência exerceu na forma que a sétima arte revestiu.

Foi o fundador das celebradas «Comédias Mack Sennett» através das quais adquiriram fama os seus grupos de banhistas. Descobertas pela sua profunda intuição da arte cinematográfica, numerosas «estrelas» saíram das fileiras anónimas dessas banhistas para a glória e a popularidade. Glória Swanson pertence a esse número.

Pois o homem que ao cinema tão grandes serviços prestou, acaba de entregar ao Tribunal Federal uma declaração de falência.

A carreira de Mack Sennett é das que merecem ser recordadas. Fez a sua estreia no cinema com a Companhia Biograph, que Griffith, o conhecido realizador dirigia. Tão rapidamente se revelaram as suas excepcionais aptidões, que ao fim dum ano era nomeado director de comédias. Em 1912, fundou a «Keystone». Os seus filmes revelaram então dois grandes artistas: Charlie Chaplin e Mabel Normand. Mais tarde descobriu o grande mimico Ford Sterling e sucessivamente diversos outros actores que ainda hoje são célebres.

Ultimamente, a transformação do cinema silencioso em sonoro, abalara fortemente as suas finanças. Foi em consequência disso que se viu forçado a apresentar declaração de falência.

Gemier, o grande actor francês recentemente falecido, prestou ao cinema uma colaboração valiosa desde os primeiros tempos do fonocinema.

Como se sabe o conhecido artista era um pouco «duro de ouvido». Isto em nada o prejudicava no teatro onde todos os seus papeis eram submetidos a rigorosos ensaios. Mas no cinema, onde lhe faltava a experiência, que só ao cabo de muitos anos se adquire, o facto provocava-lhe certa apreensão.

— Tenho muito receio — dizia ele a Fernandel, que embora actor mais novo e menos célebre se dedicava já há anos ao cinema.

— Receio, quando se é um Gemier? — exclamava Fernandel — Quando se é um dos primeiros astros da nossa época?

— É tanto maior o nosso dever de ser bom, quanto mais o público nos distingue com a sua simpatia — objectava Firmin Gemier — E depois, deve compreender que nisto eu sou um novato.

Ante o pasmo de Fernandel, o grande Gemier, artista modesto e consciente, pedia conselhos ao seu jovem colega e procurava seguir as suas indicações com o maior escrúpulo.

Mary apresentou-se ao público na sala de espectáculos da «Paramount», de Nova York. Representou um curto *sketch* intitulado «O rato de igreja».

O público compreendeu a intenção da gentil «rainha» de Hollywood e fez-lhe um acolhimento entusiástico. No final, Mary Pickford, confiou que experimentava no momento de entrar em cena uma das grandes comédias da sua vida e que no seu nervosismo chegara a crer num estrotondo fracasso.

Após esta sensacional apresentação ao público, Mary Pickford, falando aos jornalistas, declarou-lhes que tencionava fixar residência em Inglaterra. Como se sabe, a célebre «estrela» tem sofrido nos últimos anos rudes golpes na sua



Mae West numa das suas criações

vida íntima. Seu irmão Jack morreu em Paris. Pouco tempo depois faleceu sua mãe em Toronto, e ultimamente incapacitillizou-se com seu marido Douglas Fairbanks, contra quem corre um processo de divórcio.

Explicando as razões que a levam a escolher a Inglaterra para seu domicílio, disse:

«Quero viver apenas para minha sobrinha Gwynne em quem concentro todas as minhas afeições. Tenho intenção de a levar para o norte de Inglaterra durante um ano para a fazer beneficiar da cultura britânica. Além disso, sempre considerei esse país como minha antiga pátria, visto que meus pais eram ingleses. Nada me impede de ir a tomar parte em filmes britânicos se me for feita qualquer oferta nesse sentido. Tenho apreciado imenso alguns dos últimos filmes produzidos em Elstree, em especial «A vida de Henrique VIII».

A decisão de Mary Pickford de vir habitarem Inglaterra causou a mais funda surpresa. Na verdade, sabe-se que uma das razões invocadas para o seu divórcio foi a recusa em abandonar Pickfair, o magnífico palácio de Hollywood, para acompanhar seu marido ao estrangeiro.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

LAPSO

É da autoria do nosso querido colaborador «Dr. Sinal» o figurado inserto no primeiro número desta secção, o qual por lapso saiu sem assinatura. Que este confrade nos perdoe a involuntária falta.

CORREIO

Azevedo e Bourbon. — Coimbra. — Muito gratos pelo seu aparecimento. Esperamos a visita da sua valiosa colaboração

Zé Nabo. — Lisboa. — Muito lhe agradecemos tôdas as gentilezas e os seus belos trabalhos, em que notamos apenas um grave inconveniente: — *serem poucos...*

Quem assim produz, não tem o direito de ser avaro na sua colaboração. Cá ficamos à espera de uma consoladora remessa charadística.

Vidalegre. — Lisboa. — O seu *stock* está esgotado. E' favor, que muito agradecemos, não esquecer que *Desporto mental* muito aprecia a sua prestante colaboração.

CHARADAS

MEFISTOFÉLICAS

1) Como êle se *balança* com a *bebedeira*! Foi uma rica «partida»! (2-2) 3.

Sintra

Hélio

2) O teu «*namôro*» tem *aspecto* de homem *afamado*. (2-2) 3.

Lisboa

Luiz V

3) Esta *árvore santomense* tem um aroma tão *delicioso*, que chega a purificar a *alma*. (2-2) 3.

Lisboa

Veiga

4) A-pesar-de ter *habilidade*, apanhou uma *repreensão*, por ter sido pouco *hábil*. (2-2) 3.

Lisboa

Xicantunes

NOVÍSSIMAS

5) O maníaco não *come* as «*refeições*», se nelas encontra algum «*parasita*». 2-3.

Lisboa

Antolino (S. C. L.)

6) Um «*peixe*», desde que seja vendido na *norma devida*, sabe melhor. E' a opinião do meu amigo «*Barroso*». 2-1-1.

Lisboa

Micles de Tricles

7) O director da *empresá* é «um» homem *cuidadoso*. 4-1.

Lisboa

Reinadio (S. C. L.)

8) A *mulher formosa* tem sempre *abundância* de adoradores, porque é êsse o seu *destino*. 2-2.

Luanda

Ti-Beado

9) Foi *ali* que dei um apêto de *mão* ao meu primo «*Benigno*». 1-2.

Lisboa

Veiga (T. E. L.)

10) Ao olhar com mais atenção *divisei* um *singular vulto*, que procurava esconder-se. 1-1.

Lisboa

Vidalegre

SINCOPADAS

11) Esta *variedade* de *uva preta* brilha tanto como o *verniz da China*. 3-2.

Lisboa

Antolino (S. C. L.)

12) Em *terra estéril* nada se *procura*. 3-2.

Belém do Pará

Atenas (A. C. L. B.)

(A «*Hélio*», agradecendo a sua mefistofélica)

13) Pelo seu oferecimento *desinteressado*, creia que lhe fiquei muito *agradecido*. 3-2.

Lisboa

Lérias (T. E.)

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 3

14) ... e com a minha espada fiz-lhe um profundo *buraco* nas *nádegas*. 3-2.

Lisboa Micles de Tricles (T. E. e G. E. O.)

15) O que fiz *desinteressado* valeu-me um amigo *reconhecido*. 3-2.

Benavente

Repórter 13

(Ao «*Sacristan*»)

16) A *raparigada* tem uma *maneira* de tentar... 3-2

Lisboa

Vidalegre (S. C. L.)

17) Tem aquela *corcova* por lhe ter sido aplicado um *antigo instrumento de tortura*. 3-2.

Lisboa

Xicantunes

18) Roubei o *tubo* com que se tira o vinho das *pipas para o provar*, mas... *caluda!* 3-2.

Lisboa

Zé Nabo (T. E.)

METAGRAMAS

19) Posso um «*animal*», um «*animal*» formoso, «*Animal*» amimado;

Um lulu, um cãozinho amigo e primoroso, Que há muito me foi dado.

Eu chego a duvidar que seja irracional Um «*animal*» assim;

E' «*animal*» que pensa! E é fenomenal Este «*animal*» p'ra mim. — 4-6.

Lisboa

Lérias (T. E.)

20) Em plena *mata*, comigo se *defronta* e não *disfarça* o espanto, que lhe *tiaz* a presença de um «*homem*» inimigo. 4-5.

Belém do Pará

Atenas (A. C. L. B.)

25) ENIGMA FIGURADO



Lisboa

Dr. Sabão

EM VERSO

21) Seu *trabalho negligente* — 2
Merece duro castigo,
Não estou nada contente
Com você, meu caro amigo.

Num passo de tartaruga,
Prefere a *sorte* mesquinha — 2
De ser como a sanguessuga,
Que explora, tira, definha.

É tempo de abandonar
Jôgo, «*bebidas*» (!), pagode,

Trate, pois, de se emendar
Antes que daqui lhe rode.

Belém do Pará Athenas (A. C. L. B.)

(Ao preclaro «*Micles de Tricles*», lembrando-lhe a *Odele*)

22) Rosto *côr* da cera, testa abaçanada,
Pálidos lábios, outrora de carmim,
Logo a reconheci, ao erguer para mim
Seu semblante de formosura abalada.

Era Josefina — a filha da duqueza, — 1
E duque Alberto, ajudante do rei, —
Com quem nos bailes tantas vezes dancei,
Como admirador de sua real beleza.

Então era pura, bela e caprichosa,
Dotada de tão divina formosura,
Que vis-a-vis com semelhante candura,
Humilhar-se-ia também a própria rosa. — 1

Tive pois gran surpresa ao reconhecer,
Com humilde farpela e uma sacola,
Ao portal duma igreja, pedindo esmola,
Aquele que dantes fôra um fino ser.

E no meu revólto cérebro pensei:
Que primeiro a fome — depois a tristeza,
Ambas foram de encontro à sua beleza,
Como outra em vida não imagine!

Maldito mundo! Tristeza florescente!
Aquele rosto outrora tão invejado,
Encontrava-se ali, todo escanifrado...
... e como Josefina tanta outra gente!...

Lisboa Vidalegre (S. C. L.)

23) Penso e não sei que feiticeiro olhar
— E que estranho poder de sedução —
Foi aquel' teu, que soube cativar,
Vencer, êste meu pobre coração.

Apareces-me sempre, sem cessar,
É tortura-me e perde-me a visão. — 1
Logo me fuge, se a tento beijar... — 1
E fico triste nessa solidão...

Tu não podes, amor, sequer sonhar
Quantas horas eu passo a recordar
Os beijos que me dás, o nosso amor...

Se conhecesses bem esta paixão,
Mais amarias, Linda, e com razão,
A alma do teu pobre trovador.

Lisboa Zulmiranda

LOGOGRIFO

24) Numa «*cidade*» (?) distante — 11-5-13-2.

Lindo museu visitei,
Tido por muito *importante*,

Coisa rara nêle achei. — 10-4-5-3-7.

O peixe sempre recordeo
De *pele* tôda espinhosa,

Alguém trouxe para bordo
Espécie mais espantosa. — 6-9-12-4.

No *grupo* das grandes feras, — 1-14-8-2.
Fora o rei dos animais,
Há *dragão*, tigres, panteras,
Onças, lobos e chacais.

Belém do Pará Athenas (A. C. L. B.)

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUÍZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.^o — Lisboa.

(1) Bebida feita com cerejas.

(2) Cidade da Albania.

A moda

VIDA FEMININA



A influência da mulher na vida do homem é manifesta. Sempre a mulher se queixou da sua vida, sempre se lamentou de ser tutelada, e, no entanto a sua influência moral no homem, foi sempre grande, e a sua vontade imperou. E não é só na vida do homem, que a sua influência se nota, mas também na vida da sociedade e na vida em geral. As épocas em que na história da humanidade, a mulher se emancipa de preconceitos e preconiza a sua liberdade e igualdade de direitos ao jôgo e à independência absoluta, têm sido sempre épocas duma grande imoralidade. Toda a história no lo demonstra. E através dos actos de todos os homens célebres, nós vemos reflectir-se muito, dos defeitos ou das qualidades das mulheres que tiveram influência na sua vida, ainda que aos olhos da maioria elas pareçam apagadas e insignificantes e ainda mesmo que aos olhos desses homens elas assim apparesem. E é bem natural essa influencia visto que desde a infância o homem está habituado a sentir a influência duma mulher: a de sua mãe. As mães têm nos filhos maior império do que os pais. O seu carinho, a ternura que as envolvem fazem com que elles desde pequeninos se habituem a abrir os seus corações com maior facilidade, a quem à sua infância dedica toda a sua afeição e que só para elles vive, ou deve viver.

E isto fica-lhes de tal maneira inveterado, que poucos são os homens que não sintam necessidade de contar os factos da sua vida pública a uma mulher, seja ela mãe, esposa, irmã ou filha. E é bem natural isto. Há sempre a tendência para o equilibrio, e se o homem, possui uma intelligência mais forte, a mulher tem uma maior astúcia, e, quantas vezes não são os seus conselhos aproveitados, com a maior vantagem. Mas se essa influencia é muitas vezes benéfica, outras é perigosa e há homens bons, que são arrastados por mulheres aos peores actos. Para satisfazer os seus desejos de luxo roubam, para agradar à sua vingança matam. A mulher deve pretender sempre ser para o homem uma auxiliar, ajudá-lo na sua vida, não o arrastar para fóra do caminho direito e muito menos obrigá-lo a sacrificar o seu futuro a sua vida, para lhe satisfazer os caprichos. A mulher deve pensar sempre em se aperfeiçoar, para exercer na vida

uma acção de bondade e de utilidade. Há sempre nas acções dos homens, quer elas sejam nobres e elevadas, quer sejam baixas e indignas, um alvo a atingir, que é a mulher. Ainda agora tivemos um exemplo em Stavisky, o burlão, que pôs a sua intelligência ao serviço do mal, mas que em todos os seus actos, em todas as suas cartas, deixa vincado seu maior desejo de dar luxo à mulher, e o seu grande amor por ela. Há na carta que escreveu ao filho uma frase comovedora, quando lhe diz que se ela refizer a sua felicidade, que a estime da mesma maneira, porque merece ser feliz.

Há tanto sentimento nesta frase que custa a compreender como um homem, que assim sentia, podia praticar actos, duma tão grande baixaza. Que influencia benéfica não poderia talvez essa mulher ter tido se pensasse duma maneira diferente e se lhe fizesse ver o caminho errado e perigoso que seguia e que o levou à morte e à desonra. Se em vez duma vida faustuosa tivesse uma vida modesta e simples. Quantas vezes as mulheres se lamentam diante dos maridos, de não terem uma vida de luxo, sem pensarem que uma pequena frase pode ter uma tal resonância que venha a causar as maiores desgraças numa família e às vezes na sociedade. A mulher deve usar a incontestável influencia, que possui em melhorar o homem em fazer o bem e todo o possível para evitar que um seu capricho, o possa nunca levar a um acto, de que ela possa vir a ter remorsos.

E essa influencia deve continuar-se na maneira de educar os filhos a quem deve inculcar o respeito de si próprios e dos outros.

E assim a influencia feminina será um verdadeiro bem para a sociedade.

Maria de Eça.

as suas «toilettes» de noite que as devem tornar mais belas e estonteantes. É chegada a ocasião de fazer brilhar com mais esplendor a beleza natural e a elegância. A alegria das festas de carnaval é incomparável a qualquer outra. Tem hoje as nossas leitoras dois lindíssimos modelos. Um deles em setim da China em preto, com uns ligeiros traços de ouro. A cauda e a roseta em feitio de girasol são em verde e ouro. É uma «toilette» de grande efeito e muito graciosa, favorece muito as senhoras de alta estatura. A outra «toilette» é em tule e veludo. Duma côr muito na moda, a côr de amora. É uma beleza o contraste da tule com o veludo e este colorido favorece muito as carnações brancas e delicadas. Um outro modelo é duma novidade encantadora. Hombros nus, decote em quadrado e mangas compridas são as características deste lindo vestido de veludo branco que oferece uma linda inovação nos vestidos de noite. Desenhado por Peggy Morris e por ela usado tem a graça e a elegância, que esta jovem desenhadora dá a tôdas as suas creações, tão admiradas pelas frequentadoras da sua elegantíssima casa de modas em Berkeley Square, onde se admiram as mais belas e recentes invenções da moda.

Apesar de haver quem negue a voga dos casacos de pele dos grandes creadores da moda dão-nos sempre amostras da elegância, que nos fazem ver que as peles hão-de ter sempre voga e que nada há que as substitua não só como agasalho, como também em luxo e elegância.

Damos hoje um modelo dos mais celebres artistas em peles, Percy Nickery, que é um mimo e que torna elegantíssima qualquer senhora que queira ver bem assegurada a sua reputação

de vestir bem. A gola e as guarnições da manga são em «Kolinsky» que pela sua finura liga admiravelmente com o «Persian lamb» de que é o casaco. Como «toilette» pratica um lindo vestido em «angora» castanha e «beige». A linha dos hombros largos é mantida por pregas nas mangas. O «empiéccement» triangular no cotovelo dá á manga um interesse muito novo. Uma larga gola de «Persian lamb» — a pele da moda dá ao vestido a moda desde inverno.

O enfeite de pele garante o vestido até abaixo. Um gracioso chapéu com uma pena completa





este elegante e pratico conjunto que é do melhor gosto e efeito.

O penteado

É um assunto que, ainda que muito debatido, interessa sempre às senhoras o do penteado. Cabelos curtos ou compridos, à «garçonne» ou em caracois, há sempre que discutir, há sempre que dizer qualquer coisa. Mas agora que se aproxima a época do Carnaval e dos bailes, em que as senhoras têm de aparecer em cabelo e que a moda exige, que as cabeças tenham, não já a simplicidade masculina de há pouco, mas um cuidado penteado, é sempre benvido um modelo como o que hoje damos, do que são os penteados da última moda, para a noite. É linda a cabeça que apresentamos às nossas leitoras, toda em «boucles plattes», que à frente formam uma ligeira coroa, são seguras ao lado por um lindo fecho em pedras, que completa graciosamente o lindo penteado.

Golas de peles

SEM gola de pele não há casaco elegante. Este inverno é o a «astrakan», o castor, a raposa e o arminho branco as que dominam, peles muito caras, mas que tem inegáveis qualidades de solidez, podendo usar-se anos. Mas muitas senhoras preferem peles de menos preço e cuja

breve duração as obriga a serem substituídas em cada estação. A variedade é o desejo da mulher elegante de hoje. Não estamos já no tempo das nossas avós, quando as ricas peliças de marta e zibeline, de arminho passavam de mãe para filha, e formavam parte do enxoval duma noiva, como as rendas antigas de Veneza, de Bruxelas ou de Valenciennes. Como a moda aceita também a «écharpe», variada em seda ou veludo, muitas senhoras que não têm os meios necessários para comprar as peles caras, e que não gostam das imitações, contentam-se com estas. Especialmente as senhoras pouco friorentas completam com a elegante «écharpe» o vestido de desporto ou o casaco simples. A pele pesada não se presta às elegantes voltas da «écharpe». Quem sabe se não acabarão por confeccionar este acessório de «toilette» com um tecido agasalhador, que substitua as peles? Assim muitos animais viveriam em paz, os peelleiros reduziriam os seus preços e as fábricas de tecidos dariam mais trabalho.

As jóias

As jóias que dantes eram pouco sujeitas às variações da moda, agora mudam de ano para ano a sua forma. Não há muito que a moda americana das pedras quadradas conquistou a Europa e já se anuncia uma nova tendencia que fará gastar muito mais da preciosa materia. Já não se contentam com limar as pedras em forma quadrada. A pedra moderna tem a forma de gola. A esta forma adapta-se o engaste e também as pedras mais pequenas. Brilhantes em forma de gola ou antes de péra, dominam nas montras das principais joalherias de Paris. As pedras quadradas já estão em segundo lugar, e as redondas quasi nem já se vêem. Também as perolas, a que se não pôde dum momento para o outro impôr uma forma de gola, adaptam-se por meio da encastuação á nova moda. Assim vêem-se cada vez mais aneis, que têm no centro uma perola sobre um escudo-sinho em pequenos brilhantes limados obliquamente. A ponta da péra está voltada para o dedo de maneira a dar á mão maior estreiteza. Também nos brincos se nota a nova moda. Quando se vêem brincos e muitas senhoras elegantes nunca a eles renunciaram. — São quasi sempre compridos. Só em ocasiões muito excepcionais se vê num novo tipo de brinco, que não tem verdadeiramente a forma antiga, mas que forma uma verdadeira moldura á orelha. O lobulo da orelha e toda a sua borda são emoldurados por uma cintilante fita de platina e pedras preciosas, em geral brilhantes. Como alfinetes e broches usam-se principalmente leves e simples. Broches enormes que representam uma fortuna só se podem ver em senhoras de idade e de notável corpulencia. É escusado dizer que ornamentos de pedras falsas, ou verdadeiras são muito usadas com vestidos de passeio ou de manhã. Mas com os vestidos de noite só se usam as jóias verdadeiras.

Coisas novas

A vida mundana parisiense iniciou este ano, um uso original, não se convida já nas familias para assistir a um concêrto familiar, para dansar um «fox-trot» ou tomar uma chávena de chá. O convite é para uma audição de «T. S. F.» em comunicação com Londres, Amsterdão, Madrid, Berlim e Viena. Mesmo aqueles que não simpatizam com esta maravilha moderna, não podem deixar de admirar que baste uma antena, para estar em comunicação com os quatro pontos cardiais. Em qualquer ponto que nos encontramos a música que se faz em todo o mundo está connosco. E é caso para perguntar o que reserva ainda o futuro ou melhor o que reserva ele á geração futuras. As nossas avós adivinhavam o que nós teríamos um dia nas mãos? No tempo de Luís XIV, os concêrto mais maravilhosos davam-se na galeria dos espelhos de Versailles. Mas apenas um restricto número de convidados o ouvia, porque ainda não existia a «T. S. F.». E quantas coisas maravilhosas não existirão ainda, que baste uma pequena descoberta para ao revelar. Dir-se-ia que tudo isto é sobrenatural e é assim que a ignorância humana classifica, tudo o que desconhece.

Higiene e beleza

EM Inglaterra as senhoras preocupam-se muito especialmente em educar a voz. Na verdade nada há mais harmonioso e agradável do que uma voz bem timbrada e agradável ao ouvido. A voz não é somente um dom natural, adquire-se com trabalho, começando desde nova a solfejar e vocalizar, corrigindo os defeitos da voz. A electricidade tem uma grande influencia nas vozes extremamente débéis. O timbre rouco tão desagradável provém de vegetações adenoidicas ou de paralisia nas cordas vocais. A tonifi-



cação externa dos músculos comunica-lhes força bastante para tornar a voz harmoniosa. Quando se não pode recorrer a estes meios, faz-se o seguinte: Faz-se evaporar durante bastante tempo a um calor suave uma quantidade de água a que se tenha misturado: alcoolato de raiz de acónito, 15 gotas, essência de cravo, 2 gotas, tintura de canela, 2 gotas. Faz-se com isto duas inalações por dia, pouco a pouco a voz torna-se mais suave e perde a rouquidão.

De mulher para mulher

Violeta: Faça a sua «toilette» em setim branco. Usa-se muito e é sempre bonito. Os sapatos em setim verde. Para a tarde um vestido em «crêpe» mate cõr de castanha mordorê. Chapéu em veludo e sapatos em antilope. Claro que pode e deve ler êsse livro. Aquilino Ribeiro é um grande escritor, que deve ser conhecido de todos os portugueses.

Feliz: Não há nada melhor do que ser feliz, mas se o não fôsse aos vinte anos, e de mais a mais noiva, seria extraordinário. Se o seu noivo tem essa aversão à cerimónia espectacular, faça-lhe a vontade. Em parte êle tem razão. Faça um simples vestido de tarde em «gris argenté» com casaco em veludo e gola de peles, no mesmo tom uma «toque» em veludo «gris» e ficará a seus olhos tão bonita como com a «toilette» branca.

Marieta: Tem razão de aproveitar esta época na Suíça. Para nós é um espectáculo. Creio que Saint Moritz é sem dúvida uma das mais elegantes estações de inverno. Boa viagem.

Receitas de cozinha

Puré de ameijoas — Ponha-se a cozer em dois litros e meio de água, dois quilos e meio de ameijoas, uma fôlha de louro e o sal necessário. Uma vez abertas tiram-se lhe as conchas e

põem-se as ameijoas numa caçarola, com cinquenta gramas de manteiga de vaca ou de porco, duas colheradas de cebola picada e dois alhos, para que se vão refogando, assim que estão refogadas junta-se litro e meio da água em que foram cozidas e deixam-se ao lume. Logo que estejam bem cozidas passam-se as ameijoas por um coador, ajudando com a mão do pisador e a água com que foram cozidas, para uma caçarola em que se tenha posto primeiro ao lume cinquenta gramas de manteiga e três colheres de farinha, logo que está dourada desliga-se com a água de cozer as ameijoas deitam-se as ameijoas nesta papa, formando um puré que se deixa ferver cinco minutos, tira-se do lume deitam-se dois copos de Colares branco, duas gemas bem batidas e duas claras de ovos cozidos e cortados em quadrados. Também se pode fazer êste puré com farinha de maizena em vez de o fazer com farinha de trigo. É um puré muito agradável.

História francesa

QUANDO na esplêndida tarde de quinta-feira 29 de Junho de 1871, Thiers, depois de ter visto desfilar a revista de Longchamps, desceu da tribuna da presidência, para apertar a mão do marechal Mac-Mahon, não conseguiu proferir uma única palavra da sua apertada garganta, trémulo e contemporaneamente pálido e radiante desatou em soluços convulsos. Uma testemunha, o jornalista Heitor Pissard, diz «grossas lágrimas corriam também pelas faces do vencedor de Magenta caíam sobre as placas de ouro e prata das condecorações e caíam nas mangas da sobrecasaca do civil. Quando Thiers subiu para a tribuna a multidão gritou longamente «viva Thiers, viva Mac-Mahon». Depois a multidão espalhou-se sem barulho, sem encontrões, os observadores ficaram admirados da sua atitude correta, quasi recolhida, silenciosa. Notou-se que pela primeira vez em França, uma grande revista militar tinha sido passada por um Chefe do Estado, sem uniforme, sem charlateiras, à paisana realçando apenas sobre o negro da sobrecasaca o grande cordão da Legião de Honra». Thiers tinha conseguido voltar a dar ao exercito francês o seu prestígio.

A mulher de hoje

HÁ certas pessoas que repetem sempre. «No meu tempo». No seu tempo as coisas passavam-se — diz «Le Journal» — melhor ou peor como agora e as recriminações vinham então dos pais e avós. Actualmente êstes destructores sistemáticos de tudo o que é activo, novo, vibrante, exercem a sua crítica maligna sobre a mentalidade e a moralidade moderna. Choram «L'oise blanche» e exaltam a sua ingenuidade.

E portanto a rapariga moderna, sob o seu aspeto de independência, um pouco masculina, é mais sã, mais sincera do que a de antes da guerra. Sabe guiar e guiar-se. Conhece o preço dos objectos porque tem ela de os comprar. O



dinheiro que ganha com o seu trabalho, gasta-o com menos facilidade aprende a economizar, como a estudar. Sem desdenhar as Belas Artes, sente prazer em estudar mecânica e em fazer cosinha. Guia o seu automóvel com a mesma perícia, com que faz um bolo. Casada procura não ser só a mulher, mas também a companheira, a amiga do marido. Interessa-se pelos seus trabalhos, partilha-os e sabe aconselhá-lo. Consciente da sua personalidade, sem espalhafatos, de ciência, a mulher moderna é requintada, «coquette», elegante. Mais livre que antes conhece os perigos que ameaçam a sua felicidade. E os filhos? repete o côro das descontentes. Os filhos, deitam-os ao mundo, ama-os, embala-os, vigia-os como fez sua mãe com os seus. Educa-os segundo o seu exemplo, e, são já uns homenzinhos na idade em que os seus avós não largavam a mãe ou a governante. E isto é importante numa época em que a luta pela vida começa cedo.

Pensamentos

Deus não fez o bom senso, para os cérebros que são habitados pelas nove Irmãs.

Não há poltrão na terra, que não encontre outro mais poltrão do que êle.

La Fontaine.



PIMIDE FESTA

Anecdotas

— Quem me dêra que chovesse hoje.
— Porquê?
— Porque podia ir ao Chiado. Como iria de chapéu de chuva aberto os crédores não me viam...

— «Vêr Napoles e morrer depois» é um ditado italiano...

— Não me digas outra. Vou lá mandar a minha sogra.

Henrique: — Tôdo o homem que pretende mudar a opinião de uma mulher é doido.

Luis: — Como sabes isso?

Henrique: — Foi minha mulher que mo disse.

O Paiva: — Não sabes? Os aviadores dizem que a voz de uma mulher se pode ouvir distintamente a uma altitude de 3.500 metros!

O Marques: — Deus do céu! Isso deve ser a da minha!

Entre amigas: — O Arnaldo esteve ontem muito tempo sentado ao pé de mim, a falar-me da sua paixão.

Virginia: — Por quem?

A ociosidade e a pena última

Diferentes legisladores antigos consideravam a ociosidade como um crime digno de castigo severo.

Na Grécia, Solon, impôz rigorosos castigos aos ociosos, e Platão queria que eles fôsem desterrados da república. Mas, antes disso, no tempo de Dracon, os ociosos eram decapitados.

Segundo Herodoto, os egipcios castigavam a ociosidade como crime de Estado, e Tacito refere que os germanos metiam os ociosos numas lagoas, e ali os deixavam morrer.

O espírito inglês



— Mãisinha, porque é que eu tenho que ir para a cama quando estou esperta e tenho de me levantar quando estou cheia de sono?
(Do «Windsor»).

Problema de bridge

Espadas — A. 5.
Copas — R. D. 8, 6, 5.
Ouros — 9, 7.
Paus — R. 8, 7, 6.

Espadas — 9, 8, 7, 6, 4.
Copas — 9, 7.
Ouros — 8, 3.
Paus — 5, 4, 3, 2.

N **O** **E** **S**

Espadas — R. D. V. 10, 3.
Copas — — — — —
Ouros — A. D. 5, 4, 2.
Paus — A. 10, 9.

Trunfo é espadas. S. joga e dá chelem grande. O ataca com o 9 de copas.

(Solução do número anterior)

S joga espadas, que corta com 6 de copas de N. Este joga, a seguir, ouros que S corta com o az de copas, jogando depois o 5 de paus. O cobre com o seu 9 sêco e E tem a escôlha de pegar ou de dar a mão ao parceiro.

Se O conserva a mão, é forçado a entrar com espadas ou ouros, que N corta, enquanto S se balda aos seus paus perdidos.

Se E pega, deve, ou dar a mão a N jogando trunfo, e então as suas cartas de paus achar se-ão enforquilhadas, ou entrar, êle próprio, na forquilha de paus.

Um desenho de dois aspectos



Invertam a página e verão transformar-se esta cabeça de cavalo, imediatamente, num pequenino cão, amarrado pela coleira a um tronco partido e que parece estar fumando, com certa petulância, num cachimbo.

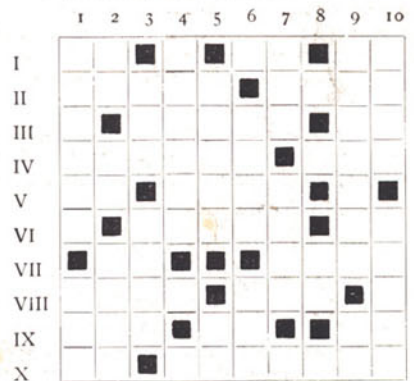
Descoberta de jazigos de ouro

Os jornais londrinos noticiam que na Nova Zelândia foram descobertos mais dois importantes jazigos de ouro, no antigo distrito mineiro de Cromwell.

Em fins do mês de Outubro último tinham sido iniciadas pesquisas nas margens do antigo rio Kawaran, actualmente pôsto em sêco, e em seis meses foram extraídas dali 350 onças de ouro. O professor James Park declarou então, que era de supôr estar-se em presença do terreno aurífero do antigo leito do rio Cluthá, de que o Kawaran foi afluente, terreno descoberto há mais de vinte anos.

Os factos acabam de provar a exactidão da teoria do professor Park, visto que novos jazigos de ouro, muito importantes, acabam de ser encontrados no local.

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais:

I — Pronome — Nota — Pronome. II — Célebre criador de touros espanhol — Na C. P. III — Distinctivo — Pedra redonda. IV — Cidade da Africa Ocidental Portuguesa — Servem para amontoar. V — Caminhar — Prefixo designativo de cavalo. VI — Servem nos correios ou nas viagens — Aqui. VII — Símbolo algébrico — Cidade da França, banhada pelo Rhodano. VIII — Falso — Preposição. IX — Na egreja — Uma sílaba de facinora — Animal anfíbio. X — Ata-se e desata-se — Empregadas na limpeza.

Verticais:

1 — Nome próprio feminino — Metade de um bombom. 2 — Grito de quem se magoa — Cidade da Caldêa — Fruto. 3 — A mínima quantidade — Alvo. 4 — Animal que sabe tecer. 5 — Ratocira — Abreviatura acrescentada ao nome das sociedades comerciais, em Inglaterra. 6 — Abriga — Vasadouro. 7 — No-sa avó — Cidade da Noruega. 8 — Tomar certo destino. 9 — Usado, sobretudo nos campos — Está em Maratona. 10 — Costumes — Parte do corpo humano (pl.).

Fonte que secou...

Havia na Picardia, há setenta anos, uma fonte reputada milagrosa e que secou. Chamava-se a fonte de Santa Helena e estava no bosque Robert.

A destruição dêste bosque fez secar a fonte.

Problema de xadrez

(Solução)

| | |
|--------------|--------------|
| Branças: | Pretas: |
| 1. D 8 T D + | 1. T 3 B D |
| 2. D 8 C R + | 2. T 3 R |
| 3. D z C R + | 3. T 5 R |
| 4. D 2 T D + | 4. T 5 B D |
| 5. T 5 C D + | 5. R 4 B D |
| 6. C z R + | 6. T x C + + |

O espírito inglês



Ela: — Você inter-sa-me extra-ordinariamente... como nenhum homem ainda me interessou.

Ele: Já me disse isso, ha poucos dias.

Ela: Ah! foi a você? (Do «Pearson's»).

SAGRES

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191

LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA

— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO

MARITIMOS

AUTOMOVEIS E POSTAES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

À venda a 4.^a edição

Terras do Demo

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol de 332 págs., brochado..... 12\$00

Encadernado..... 17\$00

À venda em todas as livrarias



Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

Acaba de sair a nova edição do

CONDUTOR DE MÁQUINAS

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVRO MUITO ÚTIL

— E —

REPLETO DE GRAVURAS

1 vol. encad. em percalina **25\$00**

Pelo correio, à cobrança. **27\$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirã dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neuriatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que atrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcoy (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um claro de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espirital em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1934**

35.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas. — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se á venda em tódas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 463 gravuras cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2700

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulсар, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR—MEDICINA PRÁTICA—SOCORROS DE URGENCIA—MOBILIÁRIO—LAVANDERIA—FARMÁCIA DOMÉSTICA—JARDINAGEM—PRODUTOS ALIMENTARES—COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS—PERFUMARIA—ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO—SEGREDOS DO TOUCADOR—CONSERVAS—ANIMAIS DOMÉSTICOS—MANUAL DO LICOREIRO—METAIS—LIGAS E CIMENTOS—COUROS E PELES—ANIMAIS DANINHOS—COPA E DOÇARIA—LAVORES FEMININOS—HIGIENE DA BELEZA—PASSATEMPOS—LAVAGEM DE NÓDOAS—TECIDOS E VESTUÁRIO—VIDRARIA—ADUBOS—HORTICULTURA—VETERINÁRIA—VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

À venda nas boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL—Rua da Condessa, 80—LISBOA

Última novidade literária

O livro duma das mais distintas escritoras portuguesas

CLARINHA

CARTAS À PRIMA

1 vol. de 228 páginas, brochado 10\$00
encadernado 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Acaba de saír

A 6.^a EDIÇÃO

Jornadas em Portugal

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

“JORNADAS EM PORTUGAL”:
— não póde haver livro mais sacro da terra portuguesa, escrito com mais linda e rica linguagem do que este.

EDUARDO SCHWALBACH.

1 vol. de 404 pág. brochado **12\$00**
encadernado **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

PAULINO FERREIRA

;; ENCADERNADOR—DOURADOR ;;

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tódas as exposições a que tem concorrido.— *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sélos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS DURANTE ALGUMAS SEMANAS

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

| | |
|---|--------|
| ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.... | 8\$00 |
| — (1.ª edição), 1 vol. br.... | 15\$00 |
| AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.... | 12\$00 |
| AO OUVIDO DE M. ^{ma} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.... | 9\$00 |
| ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 15\$00; br.... | 8\$00 |
| CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.... | 10\$00 |
| COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.... | 8\$00 |
| CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.... | 8\$00 |
| DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br.... | 8\$00 |
| DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. | 1\$50 |
| ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.... | 8\$00 |
| ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.... | 8\$00 |
| ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.... | 12\$00 |
| EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. | 10\$00 |
| FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.... | 8\$00 |
| GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br.... | 8\$00 |
| MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. | 9\$00 |
| HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. | 6\$00 |
| OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.... | 8\$00 |
| PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.... | 10\$00 |
| UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. | 1\$50 |
| ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. | 10\$00 |

POESIA

| | |
|---|-------|
| NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.... | 6\$00 |
| SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.... | 4\$00 |

TEATRO

| | |
|---|-------|
| AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| CASTRO (A) — (2.ª edição), br. | 3\$00 |
| CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| 1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. | 4\$00 |
| PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.... | 4\$00 |
| PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.... | 2\$00 |
| REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br.... | 9\$00 |
| ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. | 6\$00 |
| SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. | 5\$00 |
| SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA A LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.^a parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.^a parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.^a parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.^a parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.^a parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.^a parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.^a parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.^a parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.^a parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.^a parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.^a parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.^a parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAIS DAS PELES:**
- 19—1.^a parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.^a parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.^a parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.^a parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.^a parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.^a parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.^a parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.^a parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.^a parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.^a parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 1.^o vol.
- 36—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 2.^o vol.
- 37—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.^o vol.
- 38—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.^o vol.
- 39—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.^o vol.
- 40—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.^o vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.^a parte—*De Constantinopla a Scutari*.
- 44—2.^a parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.^a parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.^a parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.^a parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.^a parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.^a parte—*Justica!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.^a parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.^a parte—*A colônia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.^a parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.^a parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.^a parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.^a parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.^a parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.^a parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.^a parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.^a parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.^a parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.^a parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.^a parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.^a parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.^o vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.^o vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

Para conservar uma boa saúde, tome Ovomaltine



PARA dar e manter uma boa saúde nada há como a deliciosa Ovomaltine. Esta completa e perfeita bebida tônica alimentar, contém em proporções correctas, numa forma concentrada, todos os elementos nutritivos essenciais para a formação do organismo, cerebro e nervos.

Durante a estação quente a Ovomaltine tomada a frio é essencialmente necessaria, mas não o é menos durante os meses de inverno em que preparada a quente se torna a mais agradável e reconfortante bebida alimentar.

A Ovomaltine é cientificamente preparada com malte suíço da melhor qualidade, leite e ovos frescos. Ao contrario das imitações, não contém assucar vulgar para lhe aumentar o volume reduzindo-lhe o preço.

A Ovomaltine tem uma percentagem de 100% de alimentos nutritivos e considerando a sua superior qualidade, é a bebida tônica alimentar mais barata que se pode comprar.

Há só uma Ovomaltine, nada há que a substitua.

A venda em todas as farmacias, drogarías e boas mercearias em latas de 110, 250 e 500 gramas, aos preços de Esc. 8550, 16500 e 30500

DR. A. WANDER S. A. Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.ª (IRMÃOS)

RUA DOS CORREIROS, 41-2.ª—LISBOA